

Colégio Juvenal de Carvalho,

a Educação Salesiana e a
Semana Mariana em Fortaleza-CE

Vitória Chérída Costa Freire
Lia Machado Fiuza Fialho

Educação
UECE



COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuzza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal do Paraíba, Brasil
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal do Paraíba, Brasil
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR - Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR - Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL - Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Costa Pereira • Ana Cristina de Moraes • André Lima Sousa • Antonio Rodrigues Ferreira Junior
Daniele Alves Ferreira • Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos
Germana Costa Paixão • Heraldo Simões Ferreira • Jamili Silva Fialho • Lia Pinheiro Barbosa
Maria do Socorro Pinheiro • Paula Bittencourt Vago • Paula Fabricia Brandao Aguiar Mesquita
Sandra Maria Gadelha de Carvalho • Sarah Maria Forte Diogo • Vicente Thiago Freire Brazil

Vitória Chérída Costa Freire
Lia Machado Fiuza Fialho

Colégio Juvenal de Carvalho,

a Educação Salesiana e a
Semana Mariana em Fortaleza-CE

Ed 
UECE
1ª EDIÇÃO
FORTALEZA-CE | 2025

**COLÉGIO JUVENAL DE CARVALHO, A EDUCAÇÃO SALESIANA E A SEMANA
MARIANA EM FORTALEZA-CE**

© 2025 *Copyright* by Vitória Chérída Costa Freire e Lia Machado Fiuza Fialho

O conteúdo deste livro bem como os dados usados e sua fidedignidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus* do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Felipe Aragão de Freitas Carneiro
felipearagaofc@hotmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

-
- F866j Freire, Vitória Chérída Costa
Juvenal de Carvalho, a Educação Salesiana e a Semana Mariana em Fortaleza-CE. Vitória Chérída Costa Freire, Lia Machado Fiuza Fialho - Fortaleza: EdUECE, 2025.
88p. il. [livro eletrônico]
ISBN: 978-65-83910-13-4
doi: <https://doi.org/10.47149/978-65-83910-13-4>
1. História da educação. 2. Instituição educativa. 3. Colégio Juvenal de Carvalho. 4. Educação salesiana. 5. Freire, Vitória Chérída Costa. 6. Fialho, Lia Machado Fiuza. I. Título

'CDD 370

SOBRE AS AUTORAS



Vitória Chérida Costa Freire

Licenciada em Pedagogia (2015) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Possui mestrado (2017) e doutorado (2022) em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É professora da Rede Municipal de Educação de Fortaleza (SME).



Lia Machado Fiuza Fialho

Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Pesquisadora Produtividade em Pesquisa CNPQ. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pela Universidad de Cádiz - Espanha; doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC); mestra em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (Unifor); Especialista em Inclusão da Criança Especial no Sistema Regular de Ensino pela UFC; graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora associada do Centro de Educação da UECE. Editora-chefe da Revista Educação Formação do PPGE/UECE e da Coleção Práticas Educativas da Editora da UECE (EdUECE). Líder do grupo de pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades (PEMO).



COLEGIO
JUVENAL DE CARVALHO
Santa Teresinha

SUMÁRIO

1 PREFÁCIO | 9

1.1 História e memória do Colégio Juvenal de Carvalho | 9

1.2 Pedagogia de Dom Bosco e Educação Salesiana no
Brasil | 14

1.3 Memórias do Colégio Juvenal de Carvalho | 21

2 SEMANA MARIANA DO COLÉGIO JUVENAL DE CARVALHO | 36

2.1 Mito e rito, categorias conceituais elementares | 40

2.2 Percurso teórico-metodológico | 45

2.3 Semana Mariana do Colégio Juvenal de Carvalho:
educação feminina e valores marianos | 47

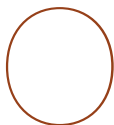
REFERÊNCIAS | 62



COLEGIO
JUVENAL DE CARVALHO
Santa Teresinha

1 PREFÁCIO

1.1 História e memória do Colégio Juvenal de Carvalho



capítulo trabalha com duas áreas do conhecimento que são distintas, porém coexistentes: a História e a Educação (Vasconcelos; Fialho; Machado, 2018), por se inserir no campo da História da Educação e, mais especificamente, na história de instituições educacionais (Xavier; Fialho; Matos, 2016). De acordo com Pereira (2007), os estudos que evidenciam a história das instituições escolares são relevantes para analisar uma escola em sua historicidade, funcionamento, condições materiais e constructo teórico-social acerca de princípios, normas e práticas cotidianas. Pesquisar uma instituição permite compreender, dentro do contexto da História da Educação, a dimensão da identidade escolar que se constitui de acordo com as instâncias “política, econômica, cultural, religiosa, da educação geral, moral, ideológica, etc.” (Sanfelice, 2007, p. 77).

O objeto de estudo foi o Colégio Juvenal de Carvalho, mais delimitadamente a história de sua fundação. O Colégio está localizado na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, inaugurado em 1933, a partir da idealização de Dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo do Ceará, em colaboração com a filantropia do coronel Juvenal de Carvalho, e entregue às Irmãs Salesianas. O arcebispo almejou uma instituição educativa de cunho religioso para o público feminino, na cidade de Fortaleza,

que adotasse os princípios educativos salesianos, no entanto não havia capital financeiro suficiente para a empreitada, então o coronel Juvenal de Carvalho doou maior parte da rubrica para efetivar a construção do Colégio.

O arcebispo do Ceará, Manuel da Silva Gomes, buscava o fortalecimento da Igreja Católica em diversos setores da sociedade civil. Durante seu episcopado, a articulação de grupos leigos ligados à Igreja foi muito heterogênea, mas a educação das moças nos moldes marianos era uma convergência das instituições confessionais, tornando-se uma maneira de propagar e ampliar os ideais católicos, conservadores e nacionalistas (Parga, 2012).

Juvenal de Carvalho, nascido no ano de 1858 no sítio Tijuassu, em Cascavel, Ceará, trabalhava com a agricultura e iniciou sua vida comercial em Aracati e Fortaleza, posteriormente, investindo seus recursos na compra de fazendas em Quixadá, Morada Nova e Quixeramobim, tornando-se um latifundiário que possuía grandes extensões de terras produtivas. Ficou conhecido no Brasil por ter sido o primeiro fazendeiro a libertar seus escravos, na propriedade de Acarape, em Redenção.

As Irmãs Salesianas eram religiosas da Congregação Salesiana, formadas na Europa à luz da pedagogia de Dom Bosco, um eclesiano que, inspirado na vida de São Francisco Sales, propôs uma formação educacional, espiritual e de preparação para a aprendizagem de um ofício para a juventude, especialmente pobre. Por meio do Sistema Preventivo, com a trílice “razão, religião e amabilidade”, defendeu o engajamento pastoral, a educação do corpo e a formação integral do homem (Salesianos, 1985).

Orientado sob a pedagogia de Dom Bosco, o Colégio Juvenal de Carvalho obedeceu com rigor aos requisitos exigidos pelo Departamento Nacional de Educação e foi o primeiro colégio feminino a merecer a equiparação oficial no Ceará, ofere-

cendo o ginásial para as mulheres (Martins Filho; Girão, 1966). O referido colégio, atualmente, ainda funciona no mesmo prédio de origem, com a oferta da educação básica, mas com educação mista, em moldes diferentes daqueles adotados no período de fundação, há 87 anos.

O recorte temporal desse capítulo delimita-se aos seus 12 primeiros anos de funcionamento, ou seja, de 1933, data de sua fundação, até 1945, ano em que foi oficialmente autorizado a oferecer o ensino secundário. Inicialmente com o nome de “Casa de Maria”, foi batizado com a denominação Colégio Maria Auxiliadora, porém ficou conhecido de fato como Colégio Juvenal de Carvalho, em homenagem ao seu maior patrocinador.

A pesquisa partiu da seguinte inquietação: como se deu a fundação do Colégio Juvenal de Carvalho e a abertura do ensino secundário feminino nos moldes salesianos? Diante dessa questão norteadora, elaborou-se uma pesquisa com o objetivo geral de compreender como se efetivou a fundação do Colégio Juvenal de Carvalho e a implementação do ensino secundário nos moldes salesianos. Para contemplar esse escopo, elaborou-se uma narrativa histórica, amparada teoricamente na história cultural (Burke, 1991; Freitas, 2019), que utilizou como aporte, para análise, fontes imagéticas e documentais, tais como: imagem da fachada da escola, documentos oficiais (decretos) sobre autorização dos níveis de ensino e um livreto encontrado no acervo da instituição, elaborado a partir da solicitação da Inspetoria Maria Auxiliadora, com o título “Colégio Juvenal de Carvalho: Histórico 1933-1995”.

O livreto, documento publicado em 10 de agosto de 1996, foi a principal fonte para a constituição deste trabalho, pois apresentava um resumo do histórico de fundação, a atuação das primeiras Irmãs Salesianas na gestão, recortes de artigos publicados nos jornais de Fortaleza com notícias sobre o colégio, a estrutura organizacional e a finalidade educativa. De

acordo com a apresentação desse documento, essa síntese foi “extraída da crônica [da obra religiosa e educacional] e do testamento de pessoas amigas” (CJC, 1996, s/p).

As transformações na historiografia, advindas de novas formas de conceber o conhecimento científico e da expansão das concepções do movimento e da revista de historiadores franceses, os *Annales*, contribuíram para a ampliação de novos interesses para o campo da História no transcorrer do século XIX para o século XX (Burke, 1991). Os historiadores dos *Annales*, principalmente em sua terceira geração, enfatizaram a mudança no processo de escrita histórica predominantemente linear e descritiva de grandes períodos históricos ou de personagens heroicos. E, mesmo sem romper em definitivo com a tradicionalidade do fazer histórico, representaram um marco de abertura de problemáticas, temáticas, objetos, metodologias, fontes e formulação de novos conceitos com a transição para a Nova História (Barros, 2008).

Os estudos atuais, dentro da abordagem da História Cultural, utilizam a interdisciplinaridade e fundamentam pesquisas sobre experiências, instituições, cultura material e simbólica mediante a utilização de diferentes fontes históricas (Rosa; Forno, 2020). A ênfase está em como o historiador da educação interpreta suas fontes documentais, imagéticas, audiovisuais, orais, entre outras, e propõe novas formas de interpretação para a História (Pinsky, 2008). Arquivos e documentos têm ganhado cada vez mais importância, principalmente com o aumento de produções sobre a história das instituições, que contribuem para a preservação da memória e problematização da (re)produção da cultura escolar que influi diretamente nas construções sociais (Pereira, 2007).

Compreender a fundação do Colégio Juvenal de Carvalho faz-se relevante porque possibilita compreender não apenas as articulações efetivadas para o financiamento de um prédio

educativo, mas por tornar factível a preservação da história e memória de uma instituição escolar que constitui um patrimônio cultural da cidade de Fortaleza, que faz parte da história e memória da educação da cidade e ainda não teve sua história registrada em pesquisas científicas. Salienta-se que essa afirmativa se respalda em uma pesquisa preliminar, no dia 1º de junho de 2020, com o descritor “Colégio Juvenal de Carvalho” nas bases de dados Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e SciELO, em que nenhum produto foi encontrado.

Sob a luz de uma pedagogia própria, a pedagogia de Dom Bosco, o Colégio Juvenal de Carvalho forneceu instrução a inúmeras moças fortalezenses, constituindo um celeiro formativo que endossava padrões sociais e culturais que relegavam a mulher à vida privada, dedicando-se ao lar como esposas subservientas e mães dedicadas. Com base na educação mariana, disciplinavam-se corpos e mentes femininas (Foucault, 2012) para que as moças se expressassem de acordo com o exemplo de Maria, ou seja, como mulheres pacientes, castas, puras, discretas, obedientes, preadadas, mães amorosas e esposas dedicadas, na contramão de uma educação libertária (Vasconcelos; Fialho; Lopes, 2018).

Na história da formação da sociedade brasileira estão presentes as marcas da submissão, das desigualdades e das restrições sofridas pelas mulheres. Por meio da atuação da sociedade patriarcal – em que a mulher deve obediência ao pai e ao marido – e da Igreja Católica, que fomentou discursos de moralização e de boas condutas femininas, foi exigido para esse “sexo frágil” um ideal de comportamento dócil, obediente, subalterno e dependente (Del Priore, 2000). As décadas de 1930 e 1940 declaravam um período de comprometimento com as novas regras de civilidade e higienização, decorrentes do

processo de globalização; e foi a figura feminina, restrita ao lar, a responsável por manter bons arranjos matrimoniais, a família higienizada, os filhos saudáveis e com boa formação moral (Scott, 2012).

O artigo foi subdividido em quatro seções, com vistas a facilitar a compreensão leitora: 1) “Introdução”, que explanou o campo da pesquisa, o objeto de estudo, sua delimitação temporal e espacial, o problema de pesquisa, o objetivo e sua relevância social; 2) “Pedagogia de Dom Bosco e Educação Salesiana no Brasil”, seção que apresenta a biografia de Dom Bosco, a criação da Ordem Salesiana e sua chegada ao Brasil na interface com princípios educacionais; 3) “O Colégio Juvenal de Carvalho”, que traz a história de fundação do Colégio Juvenal de Carvalho e o mote educacional da instituição; e 4) “Considerações finais”, que retoma o problema e o objetivo da pesquisa para respondê-los sucintamente a partir da explanação dos principais resultados e discussão.

1.2 Pedagogia de Dom Bosco e Educação Salesiana no Brasil

Giovani Melquior Bosco, popularmente conhecido no mundo como Dom Bosco, nasceu em 16 de agosto de 1815 em Piemonte, região italiana. Seus pais constituíam uma família de pequenos agricultores, e, após ficar órfão do pai, deu continuidade aos trabalhos agrários em fazendas próximas de sua residência para ajudar a mãe e aos irmãos (Soffner; Sandrini, 2012).

A trajetória de Dom Bosco tomou um caminho para a vocação religiosa quando este ainda era criança, com 9 anos de idade, após um sonho no qual recebeu um chamado. Segundo ele afirmou em narrativas autobiográficas, sonhou estar próximo à sua casa e perceber a movimentação de alguns meninos que não apenas brincavam, mas blasfemavam contra Deus.

Nessa situação, Dom Bosco reagiu: “ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar. Neste momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era luminoso”. A atitude instintiva foi seguida de uma advertência, que lhe mostrou o caminho a seguir daquele momento em diante: “chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras: Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos” (Salesianos Don Bosco, s/d).

Dom Bosco compreendeu que sua vocação deveria abranger humildade e afetividade para alcançar seu propósito religioso. Ele narrou o desfecho do sonho que se tornou um sinal de que seu trabalho deveria ser o de educar pela amabilidade:

[...] Nesse momento vi ao seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidiíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse:

– Olha.

Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais.

Eis aí o campo, onde deves trabalhar:

Torna-te humilde, forte, robusto; e o que agora vês a esses animais, deves fazê-los aos meus filhos (Salesianos Don Bosco, s/d).

Dom Bosco explicou que interpretou o sonho como uma missão, pois, considerando a realidade de muitos jovens italia-

nos de pobreza e de marginalização, sua atuação seria propícia à mudanças de vida (Hornich; Biscalchin, 2018). A juventude de Dom Bosco voltou-se para a leitura de textos religiosos, vinculação aos padres de sua região natal e de trabalhos para a ampliação da fé católica.

De acordo com Souza (2013, p. 19), “em 1835 entra para o seminário maior, em Chieri, tendo sido ordenado sacerdote no dia 05 de junho de 1841, em Turim. No mesmo ano, em 08 de dezembro, funda seu primeiro Oratório Festivo”. O oratório era uma instituição já conhecida na Itália desde o século XV, que se destinava ao desenvolvimento de experiências pedagógicas e de obras de caridade. A criação do oratório de São Francisco Sales por Dom Bosco iniciou sem local próprio para sua efetivação e sem atividades diárias, firmando sua obra apenas em 1846 no bairro de Valdocco (Freire; Fialho; Carvalho, 2016).

A atuação de Dom Bosco devotava atenção para a juventude periférica da cidade de Turim, já que esse público apresentava problemas de sofrimento e exploração evidentes relacionados à família, trabalho e amigos (Favale, 2014). Dessa forma, o religioso sentiu necessidade de cada vez mais ampliar o acesso dos jovens às instituições educativas.

Assim, além do oratório de Valdocco e de oficinas artesanais, Dom Bosco “fundou também as chamadas escolas noturnas e escolas dominicais que atendiam a jovens do internato que trabalhavam em empreiteiras, durante o dia, e, à noite, tinham oportunidade de estudar” (Souza, 2013, p. 27).

Em seguida, Dom Bosco elaborou o Sistema Preventivo, descrito nos Regulamentos e Constituições Salesianas, com mote na fiscalização, educação juvenil e ocupação profissional como meios de prevenir o descaminho dos jovens, ou seja, para evitar que eles conduzissem uma vida distante dos ensinamentos de Jesus e da conduta cidadã. Com seus ideais pedagógicos e sua atuação inovadora a partir do Sistema Preventivo destina-

do à juventude, Dom Bosco foi responsável por formar um considerável movimento de apostolado (Soffner; Sandrini, 2012).

O Sistema Preventivo de Dom Bosco propõe cuidado e zelo com o jovem, para que se torne um bom cristão e cidadão; assim, seu princípio pedagógico de educar por intermédio do afeto previne a juventude de trilhar um caminho para o erro. Porém, ainda que o percurso da desobediência pudesse ser traçado, o educador precisava dispor-se, com sensibilidade e compromisso, a transformar a realidade errante (Braido, 2004).

Os valores e princípios que constituem o Sistema Preventivo perpassam os aspectos humanos, religiosos e de afetividade, ou seja, estruturam-se em três eixos: a razão, a religião e a *amorevolezza*. A razão é a utilização da racionalidade humana que não se confunde com sentimentalismo; a religião é o sistema sobrenatural e ao mesmo tempo humano, em que a figura de Deus ocupa centralidade; e a *amorevolezza* é o afeto e a caridade, necessários ao processo educativo. Esses pilares do Sistema Preventivo integram-se para abranger a “própria maturação humana e cristã com o método da persuasão e do coração” (Braido, 2004, p. 266). Esses ideais salesianos eram cultivados para considerar a condição humana e as possibilidades de formação educativa, social, profissionalizante e religiosa, pois, ao atuar sobre essas diversas dimensões, era possível acolher, formar, intervir em maus comportamentos e prevenir a juventude do mal.

De acordo com Pitillo (2017), Dom Bosco definiu o surgimento da Congregação Salesiana em 1859, porém a aceitação da ordem pela Santa Sé se deu apenas em 1869. Juntamente com outros irmãos religiosos, Dom Bosco criou em Turim, na Itália, uma congregação sem fins lucrativos com atividades de apostolado, práticas educativas e assistencialismo à juventude pobre.

A Ordem Salesiana propõe-se a uma espiritualidade de acordo com a vida de São Francisco Sales, considerado santo e doutor da Igreja Católica, e com o carisma de Dom Bosco. Os

salesianos podem atuar em diversos níveis dentro e fora da congregação, como religiosos, leigos ou coadjutores, o que requer votos de pobreza, castidade e obediência (Azzi, 1982).

Segundo Hornich e Biscalchin (2018), o objetivo da atuação dos salesianos refere-se à realização de uma educação formativa para que o homem consiga integrar os aspectos espirituais (fé/religiosidade), pessoais e sociais (trabalho, cultura e esporte), por isso incide diretamente no corpo e na alma dos jovens. Com ênfase na prática disciplinar e de controle social da juventude, incorporando atividades desportivas e de caridade, as instituições salesianas espalharam-se pelo mundo, com modalidades abertas e fechadas, conforme classificação a seguir:

São consideradas instituições abertas: os jardins de recreação, os Oratórios Festivos cotidianos, os centros juvenis, as escolas dominicais e noturnas, as escolas de várias ordens e graus, a imprensa popular e juvenil, as residências missionárias. São instituições “totais”: os internatos, pensionatos para jovens trabalhadores ou estudantes, artesanato para formação profissional, colégio para estudantes e seminários eclesiais. Diferentes categorias quais existem num mesmo espaço físico geralmente próximo ou anexado a uma igreja e a uma paróquia (Dalcin, 2008, p. 3).

Dessa forma, os salesianos organizaram-se em diversos grupos de atuação que foram além de instituições formais de ensino; eles construíram institutos de comunicação, editoria, músicas e esportes, acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade e até mesmo de reabilitação, sempre atuando com a especificidade da espiritualidade (Almeida, 2013).

Toda a estrutura organizacional salesiana perpetuou-se com a efetivação do método pedagógico do Sistema Preventivo, o qual enfatizava como principal pilar do relacionamento entre educadores e alunos a antropologia cristã. Diariamente, o con-

texto das instituições salesianas deveria experienciar práticas educativas e pastorais voltadas para a religiosidade e para a afetividade (Souza, 2013). O Sistema Preventivo contribuía para que o indivíduo exercesse a moralidade católica, a autogestão e a solidariedade com seus pares.

A ideia de formar o bom cristão e o honesto cidadão com a implementação do Sistema Preventivo em diversas entidades, protegendo os jovens das influências do pensamento de esquerda – que, na segunda metade do século XIX, ganhara força no meio operário –, das ideias liberais e do avanço do protestantismo significava, para Dom Bosco e seus discípulos, cuidar da juventude, assegurando o seu sustento e impedindo que tais ideais se imiscuissem no meio juvenil e, por consequência, na sociedade (Pitillo, 2017, p. 61-62).

De acordo com essa citação, compreende-se o ideário de Dom Bosco e dos demais salesianos acerca de “trabalho” e de “movimento operário” que exerceu influência no debate político da época, fortalecendo também a manutenção dos discursos da Igreja Católica. O Sistema Preventivo foi pensado para formar o jovem trabalhador nos moldes capitalistas, já que “Dom Bosco afirmava que Deus fez o pobre para que ganhe o céu com resignação e paciência e fez o rico para que se salve com a caridade e a esmola” (Pitillo, 2017, p. 62).

A educação na concepção salesiana assumia uma perspectiva multidimensional (Almeida, 2013), com ênfase nas dimensões mais relevantes, de acordo com Dom Bosco, para o jovem em processo formativo. Ou seja, objetiva-se a formação do indivíduo sensível, atento aos preceitos da preventividade, a valorização da família e da religião católica, além da preparação para uma profissão. Tudo isso gerava a tríade da concepção pedagógica salesiana: razão, religião e afeto (Soffner; Sandrini, 2012).

A Ordem Salesiana chegou ao Brasil no contexto político do final do Império, estabelecendo-se ao expandir suas instituições educativas durante a República. As relações estreitas entre a Igreja e o Estado, que se fortaleciam mutuamente, encontraram mudanças após a ascensão do governo republicano, o advento de ideias federalistas – como a laicização – e o início do Movimento de Reforma Católica. Esse movimento de reforma encontrou apoio de bispos que queriam romper com o sistema de padroado, que submetia a Igreja Católica à Coroa portuguesa e brasileira (Casimiro, 2010; Lima, 2014).

Compreende-se que:

a vinda dos salesianos para o Brasil não foi uma decisão espontânea da Congregação, e, sim, uma resposta às solicitações de bispos, tais como Dom Pedro Maria de Lacerda, do Rio de Janeiro, Dom Macedo Costa, do Pará, dentre tantos outros (Pitillo, 2017, p. 76).

Os salesianos foram personagens importantes no apoio ao movimento dos bispos reformadores brasileiros e contribuíram para a consolidação da nova convicção católica no país.

A fase de transformação de um clero ligado ao poder imperial para um episcopado independente necessitava de enorme reorganização das instituições religiosas e educativas, bem como o enfrentamento da Igreja contra determinados interesses políticos. Dessa forma, “esse viés indica que a reforma visava à instituição de seminários eclesiásticos, sob orientação de congregações religiosas europeias” (Almeida, 2013, p. 71).

A reforma da Igreja no Brasil dependia da difusão de novas ideias e costumes, que poderiam ser corrigidos por meio de novas congregações europeias; assim, os seminários, as atividades de missão e os colégios confessionais deveriam adequar-se ao novo modelo de formação e atuação. Foi nesse contexto que os salesianos adentraram o campo educativo no Brasil,

onde a pedagogia de Dom Bosco foi relevante para alcançar transformações significativas não só na educação, mas também na política, na religião e na sociedade em geral (Azzi, 1982).

Entre 1883 e 1908, houve uma significativa expansão das instituições salesianas no Brasil. As fundações ocorreram em Colégios com Projetos de Artes e Ofícios, Escolas Agrícolas e Colônias Indígenas (Dalcin, 2008). A expansão das obras salesianas alcançaram também escolas, institutos e editoras em praticamente todos os estados brasileiros.

Inicialmente, os salesianos criaram o Colégio Santa Rosa, no Rio de Janeiro (1883), e o Liceu do Coração de Jesus, em São Paulo (1885) – com o diretor Lourenço Giordano, que empreendeu também a obra na região Nordeste, no município de Recife (1895) –, impulsionando a disseminação das instituições salesianas na consolidação da república brasileira. Segundo Becker (2017, p. 15): “Em 1926, as FMA marcaram sua presença em Pernambuco com o início da Obra em Petrolina. Na década de 30, surgiram três novas comunidades: Manaus, em 1930; Baturité em 1932 e Fortaleza em 1933”.

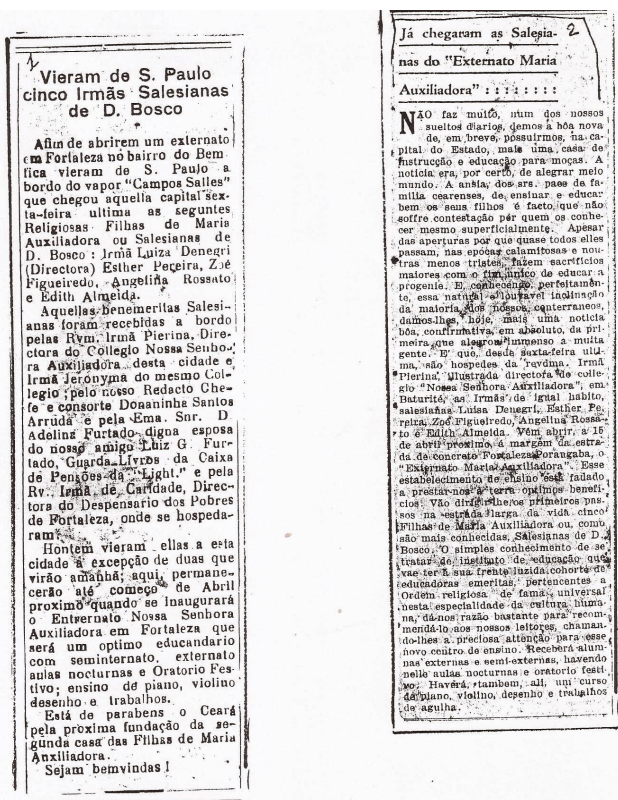
Embora a imprensa brasileira reverenciasse a figura de Dom Bosco, os liberais acreditavam que o apoio aos empreendimentos da Ordem Salesiana, com fundamentação na obra do religioso, contribuía para o movimento dos bispos reformadores. Esse conflito entre liberais e religiosos durante o contexto republicano no Brasil demonstrou que muitos assuntos da sociedade no período ainda eram regidos pela centralidade na figura de Deus (Casimiro, 2010; Parga, 2012). Foi nesse cenário que foi inaugurado o Colégio Juvenal de Carvalho, objeto deste estudo.

1.3 Memórias do Colégio Juvenal de Carvalho

O grupo de irmãs chamado à obra de Fortaleza chegou ao porto da cidade em 10 de março de 1933 e, em seguida, instalou-

-se em Baturité, onde as Filhas de Maria Auxiliadora já haviam fundado sua casa e o Colégio N. S. Auxiliadora, em 1932. A obra educativa para a cidade de Fortaleza tinha data de inauguração marcada para o dia 26 de abril de 1933, e as Irmãs Salesianas eram aguardadas pelos fortalezenses. De acordo com os recortes de revistas apresentados no documento intitulado “Colégio Juvenil de Carvalho: Histórico 1933-1995”, as cidades de Baturité e de Fortaleza noticiaram a chegada das irmãs (Figura 1):

Imagem 1 – Jornais de Baturité e Fortaleza sobre a chegada das Irmãs Salesianas.



Fonte: Arquivo do Colégio Juvenil de Carvalho: CJC-Histórico, 1996.

No trecho 1, à esquerda, a notícia é sobre a chegada das irmãs, no jornal de Baturité (CJC, 1996). A reportagem anuncia que as irmãs permaneceriam na cidade interiorana até a inauguração do “Internato Nossa Senhora Auxiliadora em Fortaleza” e ressalta também a qualidade da escola em oferecer semi-internato, externato, com aulas noturnas e oratório festivo, conforme organização institucional da Ordem Salesiana.

No trecho 2, à direita, a notícia é de um jornal de Fortaleza, que anuncia a abertura de uma casa de educação para moças. A notícia demonstra a alegria da cidade em receber a fundação da instituição com a direção de uma ordem religiosa de fama universal, que se constituiria em um educandário de referência para as famílias que desejavam educar suas jovens mediante princípios católicos. É possível verificar que já se anunciava o público-alvo da instituição e seu objetivo: “Receberá alumnas externas e semi-externas, havendo nelle aulas nocturnas e oratório festivo. Haverá também, ali um curso de piano, violino, desenho e trabalhos de agulha” (CJC, 1996, s/p).

Assim, os princípios salesianos de educar e espiritualizar jovens encontravam campo propício no contexto fortalezense, no entanto não estavam relacionados à educação preventiva de Dom Bosco, que objetivava a inclusão da juventude marginalizada, e sim alinhados à educação confessional católica. Era essa educação que cumpria o papel de formar meninas e moças de acordo com o ideal da sociedade patriarcalista e, principalmente, sob o modelo moralizante alicerçado em torno da figura de Maria. Cabia às mulheres, restritas às classes mais favorecidas que podiam adentrar o ensino secundário particular, assimilar e reproduzir a “honra”, o recato, o pudor, as prendas domésticas, as boas maneiras e a função de criar com virtuosidade os futuros cidadãos brasileiros (Louro, 2004).

Por meio de análise crítica do trecho 2, percebe-se o princípio salesiano de formação espiritual a ser efetivado pelos en-

sinamentos católicos no oratório, bem como a formação social, mediante aprendizagem de ofício, principalmente no ensino noturno, e por último a formação cultural, pelos cursos de música e desenho ofertados no currículo. Salienta-se que o Colégio Juvenal de Carvalho, ainda nos dias de hoje, oferece o ensino noturno na perspectiva da educação de jovens e adultos, e as adequações do currículo para o ensino regular na atualidade englobam feiras culturais (Encontro Salesiano de Integração e Cultura) e oferta de esportes variados.

Em 26 de abril de 1933, foi inaugurado o Colégio Maria Auxiliadora, nomenclatura em homenagem à Virgem Maria cultuada por Bom Bosco, mas, logo em seguida, a instituição ficou conhecida como Colégio Juvenal de Carvalho, com sede em Fortaleza, situado na Avenida João Pessoa, nº 4279. A fundação do Colégio foi uma exigência de Dom Manuel da Silva Gomes, então arcebispo do Ceará, que na época só poderia dispor de 12 mil réis para a compra do prédio, que estava avaliado em 40 mil réis. O coronel Ananias Arruda, cooperador salesiano, recorreu à ajuda do Coronel Juvenal de Carvalho, que doou a quantia necessária para a compra e a reforma da casa e do terreno que se transformaria na escola (CJC, 1996).

Às vésperas da inauguração da instituição, as irmãs distribuíram convites para as autoridades escolares, civis e religiosas e para as principais famílias de Fortaleza, ou seja, aquelas que gozavam de prestígio social pelo alto poder aquisitivo. O trecho do Jornal “O Nordeste” (1933) relatou a cerimônia de inauguração do prédio do Colégio Maria Auxiliadora, que contou com a presença de: bispo, arcebispos, coronéis, interventor federal, cônegos, vigários, altos funcionários, famílias abastadas e irmãs salesianas (Figura 2).

Imagem 2 – Trecho do jornal “O Nordeste”, em 27 de abril de 1933.

Fortaleza — Ceará.

Inaugurou-se, o Colegio Maria Auxiliadora

D'O Nordeste transcrevemos a consoldadora noticia abaixo :

Conforme estava anunciado, efetuou-se, hontem, a inauguração solenne do “Colegio Maria Auxiliadora”, que, sob a direção das Salesianas de D. Bosco, iniciará suas aulas a 1.º de maio proximo, no seu confortavel edificio, nos Barreiros, no Bairro da Bonifica.

As cerimoniaes estiveram presentes, além de regular numero de distintas familias, cujos nomes não pudemos obter, os exmos. e revdmos. srs. Arcebispo Metropolitano, Dom Manuel da Silva Gomes (que officiu em todos os atos), Bispo do Crato, Dom Francisco de Assis Pires; major Ribeiro Montenegro, representante do exmo. sr. Interventor Federal; revdmo. padre José Selva, inspetor salesiano; mons. José Quinderé, secretario do Arcebispo; coronel Juvenal de Carvalho, escriptor Soares d’Azevedo; mons. Luiz de Carvalho Rocha, vigario da Catedral; conego José de Lima Ferreira, vigario do Carmo; frei Cirillo, Capuchinho; conego Joaquim Rosa, revdmos. padres Lauro Grauca e Godofredo Candido dos Santos; srs. coronel Ananias Arruda, Rosendo da Costa Bindá, Pedro Menezes Cruz, dr. Raul Girão, dr. José Gurgel do Amaral, sr. Manuel Gonçalves, coronel Alfredo Feitosa, alto funcionario da Rede de Viação Coarense, sr. Luiz Gonzaga Furtado, comissões das Irmãs de Caridade, congregadas marianas e outras representações.

As 8 horas s. excia. revdma. o sr. Arcebispo Metropolitano officiu na benção do predio, e, a seguir na benção da capella e da formosa imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, collocada no altar-mór, após o que iniciou s. excia. revdma. o santo sacrificio da missa, acolitado pelo conego Joaquim Rosa e distinto clérigo.

Ao Evangelho, s. exc. revdma. o sr. Arcebispo pronunciou eloquente alo-

cução sobre o papel da escola na formação da juventude, salientando a necessidade de á instrução aliar-se a boa educação, afim de que, verdadeiramente, a escola preencha a sua *finalidade humana*, isto é, satisfazer não só a intelligencia, mas tambem o coração.

Prisou s. exc. que aquella fundação era devida á generosidade do sr. coronel Juvenal de Carvalho, que, numa comprehensão salutar das necessidades do meio catolico da sua terra, doara á Congregação Salesiana o Colegio que todos ali viam. Para o grande bemfeitor da casa pedia as melhores benções do Nosso Senhor.

Referiu-se, em expressões repassadas de fervoroso zelo, á devoção para com o Beato Dom Bosco e terminou declarando inaugurado o Colegio Maria Auxiliadora.

Após a missa, o colegio foi franqueado aos presentes, que percorreram todidamente todas as suas magnificas instalações: capella, salão de aulas refeitório, copa, etc. de tudo colhendo a melhor impressão.

São as seguintes as religiosas salesianas que vão servir no colegio: diretora, Irmã Luiza Denegri; auxiliares: Irmãs Esther Pereira, Edith Almeida, Zoé Figueiredo, e Angelina Rossato.

“O Nordeste” apresenta as suas mais vivas felicitações á Arquidiocese de Fortaleza, á Congregação Salesiana, ao coronel Juvenal de Carvalho e á mocidade catolica feminina da terra, pelo novo estabelecimento de ensino que se inaugurou.

N. — Auxilium congratula-se o povo de Fortaleza e em nome da Congregação Salesiana agradece sinceramente áqueles que trabalharam para a fundação dessa nova colmeia, especialmente a S. Exc. Revma. o Snr. Arcebispo e ao Coronel Juvenal de Carvalho, grandes bemfeitores daquela casa salesiana.

Fonte: Arquivo do Colégio Juvenal de Carvalho: CJC—Histórico, 1996.

A cerimônia ressaltou a filantropia do Coronel Juvenal de Carvalho e apresentou a intenção da instituição de instruir e educar jovens nos preceitos humanísticos, “a fim de que, verdadeiramente, a escola preencha a sua finalidade humana, isto é, satisfazer não só a inteligência, mas também o coração” (O Nordeste, 1933, s/p, apud CJC, 1996). Após as festas de inauguração do Colé-

gio, concluída com uma missa, fixou-se a nomenclatura “Colégio Maria Auxiliadora. Fundação Cel. Juvenal de Carvalho”; logo depois, ficou conhecido apenas como Colégio Juvenal de Carvalho.

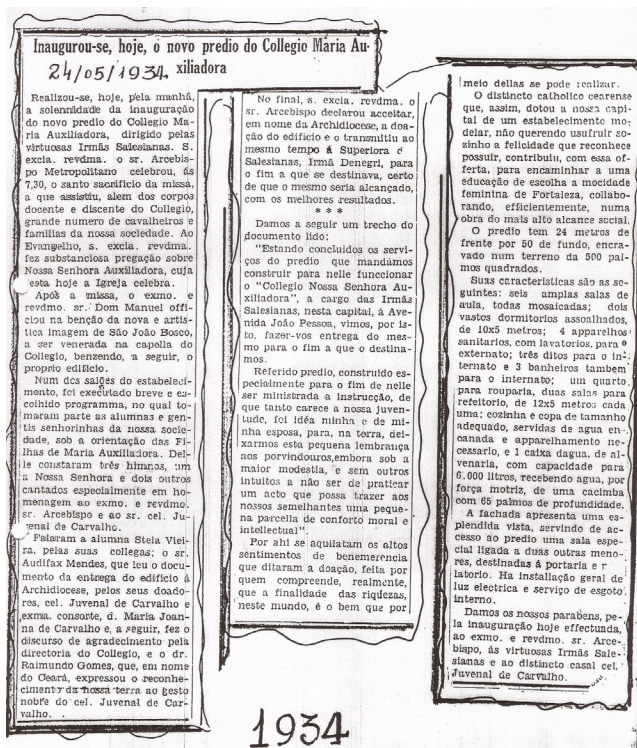
Inicialmente, a instituição funcionou como casa-colégio com algumas atividades, com o oratório para cerca de 50 crianças terem aula de catecismo – semelhante aos primeiros oratórios festivos empreendidos por Dom Bosco –, embaixo de uma mangueira, sendo esta um símbolo para a história da instituição. Mas, no dia 1º de junho de 1933, a diretora, Ir. Luizinha, foi ao palácio episcopal assistir ao ato de assinatura de compra da casa e do terreno do colégio (CJC, 1996) e, na noite desse mesmo dia, deu-se início à escola noturna, seguindo os mesmos moldes de ensino filantrópico para moças domésticas e operárias da obra de Baturité. Assim, iniciavam-se os ensinamentos de leitura, operações matemáticas básicas, corte e costura (Castelo, 1970).

Percebe-se que o princípio introdutório da pedagogia de Dom Bosco sobre atuar no combate à exclusão da juventude pobre, por meio do processo educativo, efetivou-se na instituição Juvenal de Carvalho com a criação do ensino noturno gratuito para moças de agrupamentos sociais desfavorecidos, propondo um currículo destinado aos rudimentos da leitura e da escrita, além de corte e costura – ofícios associados ao trabalho feminino no lar.

O ano letivo de 1934 iniciou-se em 15 de fevereiro com a oferta do ensino noturno, contabilizando a matrícula de 30 alunas, com idade mínima de 14 anos, sendo quase todas analfabetas. Realidade marcante do analfabetismo cearense entre o agrupamento feminino economicamente desprivilegiado era consequência do processo histórico de negação da educação a esse público (Fialho; Sá, 2018). Em 1º de março, inaugurou-se o novo ano escolar para o ensino regular diurno e integral, com a matrícula de 8 alunas internas e 36 externas, fazendo-se necessária a ocupação dos cômodos da nova casa, bem como o dormitório e o refeitório. No dia 24 de maio de 1934, pouco mais de um

ano após a abertura da casa-colégio, o novo prédio foi entregue às Irmãs Salesianas para a educação da juventude feminina cearense (CJC, 1996), como infere a Figura 3.

Imagem 3 – Trecho jornalístico do jornal “O Nordeste” sobre a inauguração do novo prédio do colégio.



Fonte: Arquivo do Colégio Juvenal de Carvalho: CJC-Histórico, 1996.

A notícia ressalta a colaboração do coronel Juvenal de Carvalho para a abertura do estabelecimento de ensino, sendo elogiado, pois “contribuiu, com essa oferta, para encaminhar a uma educação de escolha a mocidade feminina de Fortaleza, collaborando, efficientemente, numa obra do mais alto alcan-

ce social” (O NORDESTE, 1934, s/p, apud CJC, 1996). Percebe-se que a menção faz referência à formação das moças advindas de famílias de alto poder aquisitivo, que constituíam o grupo social de maior prestígio.

A doação de Juvenal de Carvalho assegurou boa estrutura física para a instituição, pois, instalada em um terreno de 500 m², a estrutura construída ocupava 24 m de frente e 50 m de fundo e possuía:

[...] seis amplas salas de aula, todas mosaicadas; dois vastos dormitórios assoalhados, de 10x5 metros; 4 aparelhos sanitarios, com lavatórios para o externato; tres ditos para o internato e tres banheiros também para o internato; um quarto para a rouparia, duas salas para refeitório, de 12x5 metros cada uma; cozinha e copa de tamanho adequado, servidas de água encanada e aparelhamento necessário, e 1 caixa d'água, de alvenaria, com capacidade para 6.000 litros, recebendo água por força motriz, de uma caçimba de 65 palmos de profundidade (O Nordeste, 1934, s/p).

Com estrutura física diferenciada mediante as contribuições da filantropia de Juvenal de Carvalho e da Igreja Católica, representada pelo arcebispo Dom Manual da Silva Gomes, e a gerência da Ordem Salesiana, o Colégio ganhava referência na educação feminina à luz do modelo mariano.

Entre 1935 e 1936, foi reduzido o número de alunas distribuídas entre as quatro séries do ensino elementar, com o objetivo de investir no ginasial. Sob a direção da Irmã Luizinha, o curso ginasial começou a funcionar paralelamente ao curso primário, com 10 alunas matriculadas. A diretora solicitou ao governo federal o reconhecimento do primeiro curso ginasial vinculado às religiosas a serviço da juventude feminina cearense. No dia 22 de julho de 1935, o senador Waldemar Falcão³ visitou o Colégio Juvenal de Carvalho e a ele solicitou-se autorização para o funcionamento dessa etapa da educação (CJC, 1996).

Em fevereiro de 1936, realizou-se o 1º exame de admissão ao curso ginasial (ou 5ª série primária), mesmo sem autorização oficial, totalizando 35 candidatas. Em março do mesmo ano, ocorreu a matrícula para a 1ª série do curso ginasial, com 38 alunas, incluindo as transferências recebidas. Em junho, o curso foi equiparado ao modelo de ensino oficial, sob regime preliminar, e foram validados os exames de admissão realizados em fevereiro (CJC, 1996). Importa inferir que boa parte das moças da época, quando tinham acesso à educação, interrompia os estudos ao final do ensino primário (Fialho; Carvalho, 2017), não havendo responsabilização política pelo alto índice de analfabetismo e fracasso da rede escolar (Pereira; Ribeiro, 2017).

Em 1937, ocorreu a construção da capela no espaço da escola, sendo oficialmente abençoada pelo arcebispo Dom Manual da Silva Gomes, que, em seguida, celebrou a primeira missa (Figura 4).

Imagem 4 – Fachada do Colégio Juvenal de Carvalho após reformas e construção da Capela.



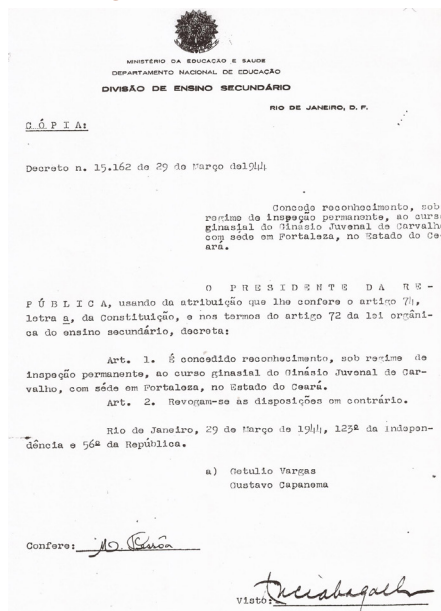
Fonte: NOBRE, Leila. Blog Fortaleza Nobre

O Colégio passava por reformas e ganhava novas instalações para servir às alunas do internato, e, nesse momento,

Irmã Pierina Uslenghi foi destinada ao cargo de diretora, em substituição à Irmã Luizinha, com trabalho realizado de 1939 a 1940. No seu último ano de atuação, concluíram o curso ginasial 34 alunas, matriculadas na primeira turma, em tempos que, segundo Lopes (2019), a maioria das moças nordestinas sequer concluíam o ensino primário. O Colégio crescia com a quantidade de alunas e novos professores contratados, por isso o internato ficou pequeno; então “a solução foi a seguinte: alugar duas casas, recém construídas, ao lado do Colégio para que servissem durante a noite para as alunas internas” (CJC, 1996, p. 10).

Os cursos mantidos no ano de 1942 eram: jardim da infância, preliminar, primário, admissão, curso ginasial e colégio normal, como demonstra a Figura 5:

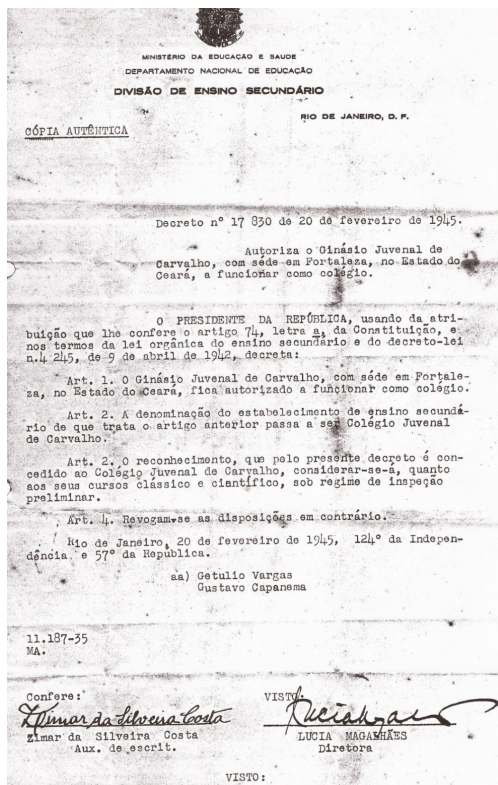
Imagem 5 – Decreto de autorização do ensino primário no Colégio Juvenil de Carvalho.



Fonte: Arquivo do Colégio Juvenil de Carvalho: CJC-Histórico, 1996.

A Figura 6 é um complemento da anterior e dá reconhecimento para o estabelecimento de ensino funcionar como colégio, de modo a oferecer o curso clássico e científico (ensino secundário), tendo em vista que o público que poderia pagar altas taxas de mensalidade demandava um ensino de cultura literária e científica que atendesse às suas necessidades econômicas e de formação educativa para o alcance de cursos superiores (Souza, 2008).

Imagem 6 – Decreto de autorização do Ensino Secundário no Colégio Juvenil de Carvalho.



Fonte: Arquivo do Colégio Juvenil de Carvalho: CJC-Histórico, 1996.

A educação secundária restringia-se a uma pequena parcela da sociedade cearense, e no que se refere à questão de gênero, apenas as meninas e moças de famílias abastadas tinham condições de arcar com os custos dessa etapa da educação formal. A abertura do ensino secundário no Colégio Juvenal de Carvalho recebeu equiparação oficial, assemelhando-se ao Colégio Pedro II, de modelo nacional, e, no âmbito local, apresentava ensino compatível ao Liceu do Ceará, outra instituição secundária de referência no período, com característica de formação para uma elite letrada para manter seu *status quo*, no caso, majoritariamente masculina (Castelo, 1970; Souza, 2008).

O ensino ministrado no Colégio Juvenal de Carvalho tinha como principal característica a preservação dos princípios salesianos, especificamente do Sistema Preventivo de Dom Bosco, acerca da razão, da religião e da *amorevolezza*, que o diferenciava do ensino público (laico) e reafirmava a espiritualidade católica amplamente disseminada nas instituições confessionais do período republicano, que objetivavam preservar a formação de moças cordiais, afetuosas, benevolentes, doces e solícitas (Vasconcelos; Fialho; Machado, 2018).

O ensino do Colégio Juvenal de Carvalho recebia influência dos países da Europa, disseminando a cultura católica de adestração da mulher ao perfil mariano e subserviência patriarcal (Louro, 2004), ideais disseminados não só pela Igreja Católica, mas pela sociedade civil brasileira para a formação feminina. Importa inferir que, no contexto atual da cidade de Fortaleza, o sistema patriarcal ainda permanece em voga como herança histórica, ainda que em moldes diferentes, e a instituição salesiana continua preservando mitos e ritos marianos, todavia sem as mesmas exigências de disciplina e de segregação sexista.

O estudo possibilitou compreender como se deu a fundação do Colégio Juvenal de Carvalho, já que foi um relevante

espaço para a formação da juventude feminina entre os anos de 1933 a 1945, de acordo com os anseios sociais do período. Percebe-se que a Ordem Salesiana, representada pelas Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, encontrou campo fértil no Ceará (tanto em Fortaleza quanto em Baturité) para empreender a pedagogia e os princípios de Dom Bosco de formação educativa e espiritual.

A instituição confessional ofertou ensino primário, secundário e normal, dentro das modalidades de internato, semi-internato e externato, para a formação intelectual e cristã, além de uma oferta de ensino noturno gratuito para atender às meninas pobres da cidade, que poderiam aprender elementos básicos de português, matemática e técnica ou ofício que lhe servisse para o trabalho remunerado. Contrapondo a oferta de caráter assistencialista e profissionalizante do ensino noturno, o ensino secundário humanístico alicerçado no modelo salesiano destinava-se à formação/manutenção da elite feminina, pois esta não precisava ingressar prematuramente no mercado de trabalho (Ananias; Santos, 2019).

O Colégio Juvenal de Carvalho é uma instituição educacional que possui 87 anos de história, com funcionamento ininterrupto, de tal modo que muitas gerações de crianças e jovens tiveram sua formação educativa alicerçada nos princípios educativos salesianos, porém não há nenhuma narrativa acadêmica que possibilite preservar e trazer à tona a história dessa instituição de maneira científica.

Diante da ausência da publicização detalhada da história do Colégio Juvenal de Carvalho e da notoriedade arquitetônica de uma edificação imponente, emergiu uma inquietação propulsora para a realização deste trabalho, que diz respeito à fundação do primeiro colégio salesiano em Fortaleza e à abertura do ensino secundário feminino. Para desvelar essa questão, elaborou-se uma pesquisa sobre a história da instituição com o objetivo geral de compreender como se efetivou a fundação

do Colégio Juvenal de Carvalho e a implementação do ensino secundário feminino de cunho salesiano (1933-1945).

A Ordem Salesiana adentrou o contexto político brasileiro no final do Império e conseguiu fundar/expandir suas instituições confessionais ao longo do período republicano. A presença dos salesianos em território brasileiro fortaleceu o Movimento de Reforma Católica a favor dos bispos interessados em cessar com o sistema de padroado, o que contribuiu para a disseminação e a sustentação dos ideais católicos na centralidade dos debates públicos e educacionais.

Constatou-se que a fundação do Colégio Juvenal de Carvalho aconteceu mediante esforços de representantes da Igreja Católica e da elite local, na figura do coronel patrocinador, que possuíam objetivos comuns de educar e disciplinar a juventude feminina de acordo com ideais moralizantes do período (1933-1945). Dessa forma, a instituição analisada atingiu o seu propósito de formar moças doces, obedientes e servas, conforme o perfil mariano ensinado e exigido pela instituição.

Averiguou-se que o Colégio Juvenal de Carvalho estabeleceu princípios salesianos educativos ligados às formações espiritual, pessoal e social, enfatizando o desenvolvimento de atividades culturais e profissionais, de acordo com a oferta de ensino para cada público que possuía. A proposta educativa da instituição estruturou-se em semi-internato, externato, internato e oratório festivo, conforme organização institucional da Ordem Salesiana, e asseverou a dualidade de classes sociais ao ofertar dois tipos de ensino: o curso noturno assistencial destinado à preparação de moças pobres, com currículo elementar e profissionalizante; e o ensino secundário de cunho humanístico, com o intuito de formar a elite feminina fortalezense para se manter como dirigente da sociedade.

Sabe-se que esta pesquisa, por seu recorte temporal diminuto, não esgota a história do Colégio Juvenal de Carvalho,

mas, na contramão, suscita novas investigações que possam ensejar outras reflexões e ampliar a compreensão acerca da cultura escolar, das práticas pedagógicas e da difusão dos ideais de Dom Bosco e da Congregação Salesiana ao longo dos anos no Ceará e em outros estados do Brasil.

2 SEMANA MARIANA DO COLÉGIO JUVENAL DE CARVALHO



Ordem Salesiana é uma congregação da Igreja Católica que foi fundada no ano de 1859 e aprovada em 1874, em Turim, Itália. Almeida (2013) informa que a orientação de João Melchior Bosco, o Dom Bosco, inspirado no exemplo de vida de São Francisco Sales, considerado santo e doutor da Igreja, objetivava o desenvolvimento humano por intermédio do trabalho educativo pastoral.

Do contexto de industrialização na Europa emergiam os ideais de modernização e os aspectos de marginalização dos jovens ao longo do século XIX. Em meio a esse cenário, Dom Bosco formulou o Sistema Preventivo, que era uma proposta voltada para a melhoria da vida material, bem como educacional e espiritual do estudante salesiano (Borges, 2000). A ênfase dessa pedagogia salesiana era o protagonismo juvenil, pelo qual Dom Bosco tornou-se o principal entusiasta responsável em elaborar práticas educativas para atrair e preparar os jovens com a mediação de músicas, jogos e atividades corporais.

Além das instituições destinadas à educação do público masculino, que inicialmente foi a prioridade de Dom Bosco, surgiram outros grupos que se vincularam à ordem salesiana na Itália: a Associação de Maria Auxiliadora, fundada em 1869 na cidade de Turim; o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (de

educação feminina), fundado em 1872 na cidade de Mornese; e a Associação dos Cooperadores Salesianos. Com o objetivo de expandir a ordem salesiana para outros países em conformidade com os propósitos da Igreja Católica, a ordem salesiana chega ao Brasil para implementar ações educativas no ano de 1883, a fim de apoiar a atuação dos bispos reformadores brasileiros (Azzi, 1982).

O Colégio Juvenal de Carvalho, localizado na cidade de Fortaleza, no Ceará, foi fundado em 1933, a partir da filantropia do Coronel Juvenal de Carvalho e entregue às Irmãs Salesianas. Sob orientação da Pedagogia de Dom Bosco e amparado na devoção à Nossa Senhora Auxiliadora, ele foi a primeira instituição educacional salesiana da cidade e obedeceu com rigor aos requisitos exigidos pelo Departamento Nacional de Educação quanto aos moldes nacionais de ensino, tornando-se pioneiro na equiparação oficial no Ceará para oferecer o Curso Secundário ao público feminino (Martins Filho, 1966).

A Semana Mariana, objeto deste estudo, consistia na realização de um ritual desenvolvido todos os meses de maio para exaltar a figura de Maria Auxiliadora como ideal de mulher que possuía princípios e virtudes que deveriam ser assimilados, por meio da pedagogia do exemplo, e postos em prática pelas alunas para a manutenção da ordem cristã e a garantia de um futuro venturoso.

O mote era tomar Maria como exemplo de mulher a ser seguido pelas crianças e moças matriculadas no Colégio Juvenal de Carvalho, ou seja, a prática pedagógica consistia em uma educação feminina voltada para formar corpos dóceis e obedientes (Foulcault, 2009), que, tementes a Deus, deveriam conduzir com maestria o papel de boas mães, esposas dedicadas, donas do lar, sempre dispostas a servir (Scott, 2012).

O problema central que estimulou o desenvolvimento da pesquisa foi: Como a Semana Mariana, realizada no Colégio Ju-

venal de Carvalho, era utilizada para a preservação de mitos e ritos que asseveravam padrões sociais e culturais que condicionaram a mulher à subserviência na sociedade fortalezense no início dos anos de 1990? A partir dessa inquietação, desenvolveu-se uma pesquisa científica com o objetivo de compreender como o mito da mulher virtuosa, à luz do exemplo de Maria, transforma-se em rito na Semana Mariana do Juvenal de Carvalho para fomentar educação feminina voltada para a preservação de valores morais que mantinham a mulher na esfera privada a serviço da família e do lar.

Parte-se do pressuposto de que a educação mariana, fomentada no Colégio Juvenal da Carvalho, e exaltada na Semana Mariana, endossava padrões socioculturais machistas e patriarcais que condicionavam a mulher à subordinação ao homem, ao asseverar a preservação de padrões comportamentais consoantes ao arquétipo de pureza, paciência e subserviência, que destinavam a mulher aos afazeres de dona de casa prezada, mãe e esposa dedicada.

Historicamente, a marca de submissão e exclusão da mulher perpassou não só a educação, mas todas as esferas da sociedade devido à forte superioridade atribuída culturalmente à figura masculina, que, consolidada pelo sistema patriarcal, negou direitos civis e sociais ao grupo feminino, como o acesso ao trabalho, o direito ao voto, a libertação sexual, o divórcio e o reconhecimento de identidades diversas (Fialho; Freire, 2018; Scott, 2012). Com o incentivo da Igreja Católica e da sociedade civil, como infere Louro (2004), o perfil ideal de mulher era aquele que se dedicava a manter a subalternidade ao pai e ao marido, formar o matrimônio com a finalidade de procriação, ser obediente aos limites de acesso ao espaço público e manter a boa moralidade cristã e a higienização da sua família.

No Ceará republicano da década de 1990, meninas e moças de famílias abastadas tiveram acesso à educação formal a

partir das instituições confessionais para a preservação da fé católica, a preparação para novos ideais de modernização e para formação no magistério, já que este espaço foi cedido ao grupo feminino por ser considerado uma extensão dos afazeres do lar e do cuidado maternal natural da mulher (Almeida, 2012; Ribeiro, 2000). O Colégio Juvenal de Carvalho foi um exemplo de locus de formação feminina, respeitado pela elite cearense, que endossou a educação mariana, logo, compreender ritos que instituíam o lugar da mulher na sociedade possibilita não apenas compreender a história da educação, mas refletir criticamente o contexto que atrasou a participação feminina nos espaços públicos.

Os conceitos de mito e rito emergiram para ajudar a compreender as relações entre os ideais e as práticas do educar correlacionados aos valores sociais de uma época, no caso, os anos iniciais da década de 1990. O mito, como afirma Eliade (2007), é a narrativa de uma realidade do passado que perdura nos tempos como algo que foi produzido e retroalimentado pelos ritos materializando os mitos. Estudar a Semana Mariana do Colégio Juvenal de Carvalho é relevante para desvelar como os mitos, que relegavam o feminino a segundo plano de importância, passaram por muitas décadas nem sempre de maneira crítica e problematizadora.

Segundo Loriga (2011), estudos que reduzem a lente de análise possibilitam compreender realidades específicas com uma riqueza de detalhes e subjetividades não contempladas em pesquisas macrossociais. Inclusive, estas correspondem “a questões muito particulares e trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis” (Minayo, 1994, p. 21). Dessa maneira, investiga-se a Semana Mariana Juvenal de Carvalho, e para isso consideram-se as narrativas de sujeitos que vivenciaram esse rito que fomentava a

educação baseada na pedagogia de Dom Bosco, na devoção à Maria Auxiliadora e no desenvolvimento de práticas pedagógicas disciplinadoras.

O artigo subdivide-se em cinco seções, a saber: “Introdução”, que explanou a temática do estudo, sua delimitação temporal e espacial, o objeto de estudo, o problema de pesquisa, o objetivo, o pressuposto, as categorias centrais – rito e mito –, a relevância social do estudo, e a maneira de organização do texto; “Mito e rito, categorias conceituais elementares”, que explica o que se compreende por mito e rito nesse estudo, situando a Semana Mariana como um rito tradicional na educação salesiana; “Percurso teórico-metodológico da investigação”, que esclarece o percurso transcorrido para o desenvolvimento do estudo; “Semana Mariana Juvenal de Carvalho: educação feminina e valores marianos”, que traz os resultados e as discussões da pesquisa ao explicar como se constituía essa celebração e os principais princípios morais que norteavam a educação mariana discutindo a maneira como esse rito apresentava o papel subserviente feminino na sociedade; e “Considerações finais”, que retoma o problema e o objetivo da pesquisa para respondê-los sucintamente a partir da explanação dos principais resultados e discussões.

2.1 Mito e rito, categorias conceituais elementares

Muitas foram as tentativas teóricas levadas a efeito com o intuito de compreender o significado de mito, no entanto, não há uma única definição que possa dar conta da complexidade que envolve essa discussão (Eliade, 1978). Enquanto desafio intelectual, ainda se apresenta como um fenômeno de apreensão difícil para aqueles que se dedicam a sua discussão, todavia, é possível visualizar algumas convergências conceituais que embasaram essa investigação.

Para Hobsbawm (1991), os ritos antigos são repetidos para legitimar práticas contemporâneas, logo, a invenção das tradições utiliza-se de práticas, ritos e símbolos regulados por normas aceitas socialmente, que elaboram uma relação com o passado perpetuando-se com o passar dos tempos. Essas tradições inventadas estabelecem uma falsa relação de continuidade em decorrência da repetição de um rito que já perdeu seu sentido original.

O mito é, portanto, uma forma de representação da realidade, da maneira de organização e sobrevivência humana em tempos anteriores, uma forma de preservar a cultura de seus antepassados. Os mitos estão relacionados à memória dos sujeitos e pela forma como são expressos para dar significado a explicações sobre origens, organização de instituições, manifestação e preservação de costumes (Barthes, 2001).

Ante essa compreensão, o estudo em relato trabalha na perspectiva do mito como valor, imerso em um contexto de significação, ao buscar compreender a Semana Mariana como um mito que se reverberou na prática cotidiana, em âmbito educacional, em que nasceu e amparou-se nos ideais católicos e preservou-se pelo rito de manter o sexo feminino comportando-se à luz de Maria – ou seja, como mulher pura, imaculada, doce, paciente, virtuosa, temente a Deus, obediente e mãe dedicada (Vasconcelos; Fialho; Machado, 2018).

Para Eliade (1978), o mito pode ser definido como a narração de uma história verdadeira e sagrada sobre uma criação, que se torna válida e, por vezes, inquestionável. Nessa perspectiva, pode-se entender que o mito é uma forma de relatar acontecimentos na vida humana, ou seja, a sua origem, as suas ações diante da natureza, as suas atitudes na resolução de problemas do dia a dia. Segundo Scott (2012), as sucessões de aspectos do mito trazem um enfrentamento entre o abstrato e o real, o que gera o caos, que não significa simplesmente uma

desordem ou um conflito, mas uma mistura necessária para sustentar os princípios e elementos do mito em sua representatividade, no caso, o papel destinado à mulher na sociedade brasileira.

À mulher, criada à luz e semelhança de Deus, a partir de uma costela de Adão, cabia não cair em pecado e não desobedecer ao homem. Este, mais sensato, racional e forte, era o provedor da ordem e da moral (Rago, 1996). Esse mito colaborou para que a mulher, durante muitos anos, fosse destinada ao espaço privado, à subserviência ao sexo masculino – pai e marido – e à inferioridade física e psicológica (Butler, 1991).

A linguagem de cada mito varia de acordo com o espaço temporal em que ele é recontado ou reinventado, ou seja, são vários os rituais utilizados para endossar a preservação de mitos históricos (Tamanini, 2010). Os rituais foram e continuam sendo uma forma de explicar determinadas posturas culturais e sociais e de preservar mitos, contudo, já não se concebe mais a assimilação acrítica dos conhecimentos passados de geração para geração (Langdon, 2016), especialmente quando estes subjugam pessoas e as relegam a segundo plano de importância no contexto sócio-histórico.

Sabe-se, todavia, que através dos mitos não apenas se explicaram problemas que o homem não conseguia responder, mas inculcaram-se crenças sociais e culturais com padrões que interessavam a determinados setores da sociedade – as elites financeiras, a raça branca, aos homens, aos eclesiásticos¹ etc. –, para manutenção de um *status quo* favorável aos interesses de grupos específicos (Hobsbawn, 1991).

A manutenção da crença em determinados mitos depende da prática de vários ritos, os quais consistem em preservar

¹ Figuras de liderança da Igreja Católica, como sacerdotes, clérigos, eclesiais e padres, que representam a ligação da humanidade com seres divinos e possuem atuação masculina associada ao controle de seu povo (Gebara, 2000).

valores que foram constituídos como verdades (Guilouski; Costa, 2012), como é o exemplo da Semana Mariana do Colégio Juvenal de Carvalho, para preservar o lugar secundário da mulher na sociedade. Os ritos, enquanto conjunto de regras e paradigmas que caracterizam certa tradição, consistem numa repetição de atos definidos, elementos sistêmicos de alguma espécie de cerimônia, no caso, o culto a Maria todos os meses de maio, e reforçam valores a serem inculcados nas moças para a preservação do seu lugar social.

Os ritos mais comuns são os de passagem, ou seja, celebrações tradicionais que marcam mudanças de status de um indivíduo no seio de sua comunidade, no entanto, há tantos outros que colaboram para preservar padrões sociais, tais como: de batismos, de debutante², de casamentos, funerários, de sacrifício de animal, de formatura, dentre outros. Essas tradições, muitas vezes relacionadas à religião, têm a função de preservar costumes e práticas do passado na sociedade, o que gera uma espécie de dominação ideológica, uma forma de controle social (Weber, 1996).

A Semana Mariana Juvenal de Carvalho, objeto deste estudo, foi aqui tratada como um rito de caráter religioso, que enseja a sustentação do mito de que Maria, mãe de Jesus, é uma virgem imaculada abençoada por Deus, que deve ser o exemplo feminino a ser seguido, por exprimir a abdicação de si própria, como ser humano, e de seus desejos, para o serviço sagrado. Nessa percepção, estuda-se uma tradição inventada, realizada todos os anos até os dias atuais, no mês de maio, período do calendário escolar do Colégio Juvenal de Carvalho que é destinado ao culto à Nossa Senhora Auxiliadora.

Importa destacar que esse rito teve seu início na Europa, trazido ao Brasil por Dom Bosco – sacerdote, fundador da

2 Desfile realizado quando a moça completa 15 anos, como forma de apresentá-la à sociedade.

ordem Salesiana³ e criador de uma pedagogia voltada para a educação de jovens das periferias de Turim – que durante toda a sua vida sacerdotal asseverou possuir uma conexão espiritual com Nossa Senhora. Inicialmente, sua devoção foi por Nossa Senhora das Dores (ou da Consolação), em seguida por Imaculada Conceição e, por último, por Nossa Senhora Auxiliadora, sendo esta a figura principal que impulsionou um símbolo de referência feminina a servir de exemplo formativo nas instituições salesianas.

A ordem salesiana, pretendendo ampliar sua atuação pelo mundo e abrir instituições para a formação juvenil, nomeia em 1872 o padre Luís Lasagna para a implantação da obra no Brasil. Em 1883, os salesianos chegaram no estado do Rio de Janeiro e atuaram diretamente no contexto político de transição imperial para o período republicano, a favor dos bispos renovadores, fortalecendo o catolicismo nacional. O grupo de irmãs salesianas chegou ao Ceará no ano de 1933, e no ano seguinte empreenderam a fundação do Colégio Juvenal de Carvalho, onde se realizava a Semana Mariana (Almeida, 2013).

O rito de cultuar Nossa Senhora era uma forma de aperfeiçoar e enobrecer as expressões, ações e desejos da Igreja Católica na manutenção do modelo patriarcal de família e sociedade. Endossada como força cultural, vivida como prática entre os que nele acreditam, o ritual, pleno de significações, servia de sustentáculo para a manutenção de uma tradição sexista que veiculava pensamentos e práticas que reforçavam o lugar da mulher na sociedade.

3 Os seguidores de São Francisco Sales, salesianos, atuaram/atua no desenvolvimento de projetos voltados para a juventude em paróquias, colégios, universidades, oratórios, dentre outros movimentos juvenis.

2.2 Percurso teórico-metodológico

A escrita historiográfica passou por modificações decorrentes dos fenômenos sociais e políticos que influenciaram a constituição do conhecimento científico (Xavier; Fialho; Vasconcelos, 2018). O movimento de historiadores franceses, juntamente com a criação da revista científica dos *Annales*, configurou, ao final do século XIX, um marco de renovação para a historiografia (BURKE, 1991). Embora não tenha conseguido romper completamente a escrita tradicional da história, contribuiu com a ampliação de novas abordagens, fontes, metodologias e interesses de estudo para esse campo (Cardoso; Vainfas, 1997).

A História Cultural, a partir da década de 1970, impulsiona a possibilidade de revisitar conceitos, problemas e temáticas e, consecutivamente, amplia a compreensão de fontes históricas, ultrapassando o uso exclusivo de documentos oficiais e valorizando todos os vestígios humanos no tempo que contam sua história (Fialho; Santos; Freire, 2020). De acordo com Barros (2011), essa nova compreensão da forma de fazer história alcança também a interdisciplinaridade, ao se utilizar de outros campos de conhecimento e, inclusive, possibilitando o estudo da história na interface com a educação, conforme o presente artigo propõe-se.

Situado no campo da História Cultural, este estudo utilizou a história oral temática como metodologia de pesquisa (Meihy; Holanda, 2007), pois, como ressalta Fialho, Santos e Sales (2019), estudos que partem de um projeto em história oral cientificamente elaborado valorizam as fontes orais como suporte para a elaboração das discussões voltadas para a formação feminina são importantes para a história da educação, afinal, foram as mulheres as principais protagonistas nessa seara, ainda que pouco valorizadas historicamente.

O lócus de pesquisa foi o Colégio Juvenal de Carvalho, selecionado por ser uma instituição confessional inaugurada em 1933, na cidade de Fortaleza, com a proposta de manter a tradição secular da ordem salesiana em educar meninas e moças à luz de Maria. Essa instituição, ofertava ensino secundário primário e secundário de referência para as famílias mais favorecidas economicamente, especialmente as moças que integravam o quadro de alunas internas nos primeiros anos de funcionamento da instituição (Almeida, 2013).

A realização da pesquisa sobre os mitos e os ritos da Semana Mariana foi autorizada junto à direção do Colégio Juvenal de Carvalho, que indicou os dois entrevistados com a justificativa plausível de que eram os principais protagonistas na organização desse evento na década de 1990, inclusive, a diretora pedagógica intermediou o primeiro contato. Neste, realizou-se o convite, a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; após se esclarecer sobre o objetivo da pesquisa, a forma de participação, a ausência de benefícios, a possibilidade de desistência a qualquer momento, a preservação do anonimato etc.

Entrevistou-se, no Colégio Juvenal de Carvalho, primeiramente, a irmã salesiana que finalizou seus estudos no colégio e em seguida entrou para a Congregação Salesiana, atuando como professora na referida instituição. Essa religiosa não apenas participou da organização da Semana Mariana durante a década de 1990, mas ainda trabalhava no colégio, o que facilitou o contato. Em seguida, entrevistou-se o coordenador do “Mês Mariano”, que participou como organizador deste evento no referido recorte temporal; ele ainda prestava serviços no colégio. Para assegurar a preservação da identidade dos colaboradores, foram utilizadas apenas as nomenclaturas “coordenador” e “irmã salesiana”.

As duas entrevistas em história oral temática trataram, especificamente, sobre a Semana Mariana (mês mariano), bem

como sua finalidade, princípios e a relação com a educação feminina. As narrativas tiveram duração de aproximadamente 30 minutos cada, consoante ao agendamento prévio realizado de acordo com a disponibilidade dos entrevistados: dia 8 de abril de 2015, com o coordenador da Semana Mariana; e dia 22 de abril de 2015, com a irmã salesiana. Elas foram gravadas por meio de equipamento digital, transcritas na íntegra e textualizadas, transformando-se na principal fonte para o estudo sobre a Semana Mariana do Colégio Juvenal de Carvalho.

2.3 Semana Mariana do Colégio Juvenal de Carvalho: educação feminina e valores marianos

De acordo com o site missaosalesiana.org.br, que conta a história de Maria Auxiliadora, compreende-se a explicação para a escolha dessa personagem como pilar da função educativa na ordem salesiana. A Igreja Católica nomeou Maria com o título de Nossa Senhora Auxiliadora em 1571, após um confronto entre cristãos e muçumanos.

O Império Otomano, que ocupava espaço de privilégio, mantinha conflitos com a Europa e a Ásia, por isso importa considerar que este império “tem uma história bastante específica, que se desenvolve no entroncamento de contextos geográficos e culturais maiores, entre a Cristandade e o Islã” (Santos, 2018, p. 6). A Igreja Católica sentia-se ameaçada e, recorrendo ao apoio do Papa Pio V e de Dom João da Áustria, somaram forças (junto aos protestantes da região) contra os otomanos, iniciando uma batalha naval (Santos, 2018).

A narrativa do site missaosalesiana.org.br aponta que os soldados cristãos, já temendo a derrota, surpreenderam-se ao ver os otomanos em retirada após perderem 224 navios, sendo mais de noventa destes afundados ou incendiados. Posteriormente, os otomanos presos confessaram ter visto uma senhora

no céu durante a batalha, e que ela causou pavor. Como os cristãos em confronto não pararam de rezar o Rosário⁴ e as igrejas fizeram procissões, jejuns e oração pela causa da guerra, o Papa Pio V introduziu a invocação ao auxílio dos cristãos e o título de Nossa Senhora Auxiliadora ou Maria Auxiliadora, que segundo acreditam, foi a responsável pela vitória dos cristãos no referido confronto (Campos, 2018).

A partir de 1862 a devoção à Maria Auxiliadora popularizou-se, com os esforços de Dom Bosco e de Madre Mazarello⁵; o primeiro dedicava-se a instruir e instrumentar profissionalmente jovens do sexo masculino, e a última centrava ênfase na educação e profissionalização feminina a partir da criação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Articulados, conseguiram atuar nos cinco continentes do mundo.

Dom Bosco mandou pintar um quadro de Nossa Senhora Auxiliadora (), de acordo com um sonho com a Auxiliadora dos Cristãos: segurando o filho no colo, que representaria toda a humanidade; com pés descalços, que significa caminhada e humildade; e a coroa na cabeça que faz alusão à autoridade de mãe. O resultado dessa pintura ficou popularmente conhecida como a imagem a seguir:

4 Rosário é uma prática religiosa católica que consiste na reza do objeto denominado terço, que possui um conjunto de contas correspondentes a quinze dezenas de “ave-marias” e quinze “padre-nossos”, em alusão à devoção mariana.

5 Maria Domingas Mazzarello nasceu no ano de 1837, no norte da Itália, trabalhou no campo com sua família e em seguida com costura, objetivando ensinar um ofício às jovens da cidade onde morava. A oficina de costura transformou-se num local para a convivência de jovens e de devoção à Nossa Senhora (Fonte: Madre Mazarello. Disponível em: <http://www.mazzarello.com.br/historia/madre-mazzarello/>).

Imagem 7 – Nossa Senhora Auxiliadora dos cristãos



Fonte: <https://nossasenhoradetodasasfaces.blogspot.com/> 2018.

Dom Bosco, como fundador da Ordem Salesiana, escolheu o dia 24 de maio como data de referência para os festejos em toda a comunidade salesiana desse mito, reforçado com celebrações em devoção à Nossa Senhora Auxiliadora nas escolas salesianas do mundo inteiro. No Colégio Juvenal de Carvalho, em Fortaleza, lócus desse estudo, não foi diferente, pois desde o ano de sua fundação (1933) essa tradição é celebrada e o rito endossado.

O ritual inicia-se com uma preparação de nove dias (a novena), por meio de orações e reflexões exaltando a figura de Nossa Senhora; as estudantes deveriam exercitar a oração como forma de crescimento espiritual.

O novenário era dessa maneira: uma oração eucarística onde a pessoa que era encarregada daquele dia entrava em contato com o sacerdote e ele sugeria um tema que

dava margem e incentivava a devoção e de tudo aquilo que era importante da vida de Nossa Senhora. É colocar Nossa Senhora no mistério eucarístico. E por quê? Porque Jesus é filho de Maria. [...] elas traziam uma imagem para a sala e prestavam sua homenagem na classe. Todos os dias tinha uma homenagem especial e também o colégio inteiro rezava o terço, determinadas classes rezavam um mistério⁶. O mistério dependia do dia da semana. E depois tinha um momento especial daquela turma na capela, que tinha a oferta das flores, simbolizando o quê? Tudo de bom que a jovem tinha para oferecer a Nossa Senhora, era a bondade, era a amizade, era a gratidão, era o amor, era a compreensão, quer dizer... eram virtudes especiais que herdavam de Nossa Senhora. (Irmã Salesiana, 22 abr. 2015)⁷

Percebe-se, a partir da narrativa, que a simbologia mariana incutia diariamente na moça/estudante salesiana a importância de imitar e cultivar a perfeição de Nossa Senhora, esta alcançada por intermédio da oração, devoção à Maria e da adoção de comportamento consoante à vida recatada e pura, sendo: bondosas, amigas, gratas, amorosas e compreensivas. Para o desenvolvimento moral não se discutiam os problemas sociais e educacionais da década de 1990, e a educação era alheia às questões políticas (Lima; Santos, 2018). O foco educacional não era contornar os múltiplos fatores que permeavam o fracasso escolar (Pereira; Ribeiro, 2017), tampouco discutir as políticas de investimento educacional (Flores; Fialho; Almeida, 2017)

6 O terço possui 4 mistérios, contemplados antes de iniciar um “padre-nosso” e dez “ave-marias”. Os mistérios podem ser Gloriosos, Gozosos (da alegria), Luminosos e Dolorosos e cada um deles representa os momentos da vida de Maria e de Jesus dos quais os fiéis precisam apropriar-se, assimilando os sacrifícios e as bem-aventuranças vivenciados pelas figuras sagradas que devem ser imitados na prática cristã.

7 Informação fornecida por Irmã Salesiana, em 22 de abril de 2015, na cidade de Fortaleza.

ou de formação de professores (Jardilino; Sampaio, 2019), ainda que houvesse muitas professoras leigas e a escola normal fosse um espaço restrito para a formação docente, profissão majoritariamente feminina por ser entendida como extensão do lar (Freitas, 2020).

O aspecto da maternidade e subserviência à figura masculina também era exaltado como uma missão da mulher (Louro, 2004), para isso trabalhava-se com a reflexão a partir dos Evangelhos da Bíblia na Semana Mariana:

Maria, nas bodas de Caná (Evangelho de S. João 2; 1-11), o que foi que ela fez? Ela foi convidada para um casamento, ela e Jesus diante da dificuldade que era a falta de vinho, o que foi que ela fez... o que foi que ela disse: “Fazei tudo o que ele vos disser”. Então ela não passou por cima do filho, que era superior a ela, que é o Salvador do mundo. [...] vemos aí a abertura de Maria e ao mesmo tempo a obediência frente ao seu filho que é o Salvador. (Irmã Salesiana, 22 abr. 2015)⁸

O trabalho de educação feminina realizado durante a novena buscava unir o humanismo e a religiosidade para formar moças castas, católicas fervorosas, esposas e filhas prendadas, subservientes e mães dedicadas. Inclusive, durante os primeiros anos de funcionamento do Colégio Juvenal de Carvalho, a Semana Mariana era a principal atividade, pois a novena dividia-se em oração do terço, missa e reflexão bíblica, com o intuito de incutir boas práticas de devoção. Findado os dias da novena, iniciava-se o mês de maio, aquele destinado a comemorar o mês das mães, em especial, da mãe de todas as mães: Nossa Senhora.

O mês de maio a gente deixava assim especificamente para estudar e fundamentar as virtudes de Nossa Se-

8 Informação fornecida por Irmã Salesiana, em 22 de abril de 2015, na cidade de Fortaleza.

nhora, a bondade, o serviço, a disponibilidade. [...] também são estudados temas bíblicos, como Maria na Igreja, qual o papel de Maria? É uma mãe medianeira, então são virtudes especiais de Nossa Senhora que são vistas nesse período. (Irmã Salesiana, 22 abr. 2015)⁹

O mês mariano, ao conservar a tradição de celebrar as virtudes de Nossa Senhora Auxiliadora, educava as moças para seguir seu exemplo por meio do alinhamento de práticas pedagógicas voltadas para essa tarefa.

Hoje se faz todos os Bom-Dia, que são em torno de Nossa Senhora e um tema também que se desenvolve em sala, vamos supor que hoje eu pegue Nossa Senhora como medianeira, no outro dia pegue Nossa Senhora como aquela que é cheia de misericórdia, de bondade... então vai variar de acordo com o Bom-Dia que é dado no som pelas manhãs. Agora, independentemente disso, para todo mundo, as turmas vão à capela fazer sua homenagem, porque como são muitas turmas, cada turma vai à capela e faz, com seu catequista ou sua catequista, uma homenagem, que pode ser uma celebração da palavra preparada pelo professor com a turma, ou então pode ser uma celebração da eucaristia [...] (Coordenador, 08 abr. 2015)¹⁰

O culto e a veneração à figura de Maria, com a prática da imitação, ensejavam a perpetuação da pureza, e até mesmo a iniciativa de remissão dos pecados. Por intermédio dessa mãe que era considerada “misericordiosa” e “intercessora”, cabia às estudantes que não se encaixavam no perfil “mariano de ser” recorrer à absolvição divina por meio de homenagens e repeti-

9 Informação fornecida por Irmã Salesiana, em 22 de abril de 2015, na cidade de Fortaleza.

10 Informação fornecida pelo Coordenador da Semana Mariana, em 08 de abril de 2015, na cidade de Fortaleza.

ção de orações, para realinhar seu modo de ser e portar-se perante a sociedade. Ressalta-se também a constante vigilância dos comportamentos femininos, por parte dos olhos sagrados da Virgem e da diligência dos pais e das educadoras, para que as regras sociais e morais não fossem infringidas (Magalhães Junior, 2003).

Além de orações e reflexões sobre Nossa Senhora, o Colégio aproveitava o momento de festividade que o mês proporcionava para desenvolver os aspectos artísticos e culturais das alunas. A abertura do mês de maio é realizada a partir de dança, apresentação musical ou teatro, preservando os ideais de Dom Bosco em atrair e envolver o público juvenil, de modo a comunicar o que será trabalhado ao longo do mês: “Primeiro nós fazemos uma abertura para conscientizar aquilo que a gente quer imitar, vivenciar... e o porquê disso (Coordenador, 08 abr. 2015)¹¹”. Nota-se que o objetivo de imitação ao modelo divino conserva-se para fins de adestramento e disciplinamento dos corpos.

Cada vivência, reflexão e atividades ao longo do mês preparavam as estudantes salesianas para o rito de 24 de maio, que era esperado por gestores, funcionários, alunas, professores, pais e colaboradores.

Nesse dia não existe função de trabalho na escola, como os escritórios e repartições burocráticas, pois todos estão envolvidos nesta celebração. Todos os alunos da noite, da tarde e da manhã se encontram às 8h para a grande missa, que é o 24 de maio, onde cada expressão da escola, cada nível, seja Infantil, Fundamental ou Ensino Médio, têm uma participação específica nessa celebração. Cada um assume uma parte da celebração e nesse sentido de cada um assumir uma parte existe um

¹¹ Informação fornecida pelo Coordenador da Semana Mariana, em 08 de abril de 2015, na cidade de Fortaleza.

significado de celebrar melhor aquilo que foi a síntese do que viveu naquele mês. Para os maiores, nós já fazemos um ato solene de coroação de Nossa Senhora, que têm mais um sentido de dizer, de dar importância à essa companheira de caminhada que a gente elege na vida. E para essa companheira de caminhada a gente diz – olha, se Deus reconheceu Maria com sua importância, nós também devemos reconhecer qual o sentido e qual o lugar que ela deve ocupar nas nossas vidas. (Coordenador, 08 abr. 2015)¹²

Entendemos, a partir da narrativa acima, que o rito mariano não diz respeito simplesmente a uma devoção, já que ele era vivenciado corriqueiramente por meio de reflexões, atividades e celebrações. A crença nos mitos e a conservação dos ritos pela instituição são evidenciadas tanto no imaginário social, como nas práticas educativas cotidianas. Afinal, “Não é só rezar o terço, não é só rezar Ave-maria ou Salve-Rainha, é, sobretudo, por em prática na sociedade as virtudes que são tão importantes hoje: o amor, a obediência, o perdão, a justiça, né?” (Irmã Salesiana, 22 abr. 2015)¹³.

O rito em questão ocupa lugar no imaginário de cada participante da comunidade salesiana e mantém evidente o mito do modelo mariano de ser, bem como a crença de que é possível receber auxílio de Nossa Senhora, que intercede pelos cristãos. Percebe-se que ainda na década de 1990 eram valorizados os princípios da oração, da escuta e da obediência na escola, responsabilidade que recaia sobre as mulheres com maior ênfase, pois deveriam comportar-se e agir como Maria, ou seja, como uma santa. Segundo Dinarte e Corazza (2019) importa constituir

12 Informação fornecida pelo Coordenador da Semana Mariana, em 08 de abril de 2015, na cidade de Fortaleza.

13 Informação fornecida por Irmã Salesiana, em 22 de abril de 2015, na cidade de Fortaleza.

um espaço poético como tradução didática para fomentar uma educação mais sensível e humana, no entanto, voltada para a criticidade e não para a alienação do educando. Inclusive, Vasconcelos, Fialho e Lopes (2018) chamam atenção para a necessidade de uma educação libertadora não centrada na disciplina.

O mito da virgem e santa Maria que intercede pelos humanos na terra, apoiado nos ritos da Igreja Católica e de colégios com esse viés religioso, perpassam a história brasileira influenciando a educação de pobres e ricos (anãias; santos, 2020). Inclusive, perpassando a década de 1990 e permanecendo até no século XXI, todavia, com algumas alterações e flexibilizações decorrentes das transformações da sociedade pós-moderna.

Barthes (2001) descreve que o mito, antes de qualquer coisa, é uma fala e precisa de condições especiais para sua constituição. No caso do culto a Maria, essa fala era propagada e endossada na tradição cristã pela Igreja, pela família e pela instituição educacional. Desse modo, constituiu-se o mito de comportamento feminino ideal a ser seguido em torno da mulher, pois esta deveria representar a humildade, a maternidade e a subserviência; e os ritos eram elaborados para cultivar esse mito.

Ao contrário da figura exemplar de Maria, há Eva, mulher que ilustra um comportamento abominável, pois está associada ao pecado, à transgressão e à manipulação feminina que leva o homem ao erro. Essas duas figuras contraditórias são utilizadas pela religião católica, por meio de mitos, para exercerem um papel de adestramento dos corpos e dos comportamentos femininos (Del Priore, 2000). Para alcançar a salvação prometida pelo discurso religioso, as moças de elite deveriam fugir da marca do pecado instituído por Eva e, com toda a sujeição, gerar e criar bons filhos para a manutenção do projeto de dominação e controle da igreja e das elites sobre as classes subalternas na

sociedade. Dessa maneira, importa refletir criticamente a quem interessava esse tipo de educação, bem como seu propósito, afinal, ela buscava manter um *status quo* vigente, que atendia aos interesses dominantes, ou seja, das famílias com mais posses.

Como mito entende-se uma narrativa tradicional acerca de fatos e acontecimentos que ganharam lugar na origem dos tempos, com o propósito de fundar a ação ritual dos sujeitos dos dias de hoje e, de modo geral, a instruir as formas de ação e de pensar por meio das quais o indivíduo compreende a si próprio no mundo que lhe cerca, logo, importa refletir sobre eles. As escolas católicas, seguindo os princípios instituídos pela Igreja, reproduzem as narrativas de modelo feminino utilizando a bíblia como recurso didático e constituem seus mitos e ritos com o intuito de instrução e preservação de costumes que não são desprovidos de intencionalidade. Ao preservar o culto à Maria, mulher pura que ao receber uma mensagem do anjo foi obediente e, por isso, encontrou graça diante de Deus (Lucas 1, 30), reforça-se que Eva, por não ter seguido o mesmo ato de obediência, deixando-se persuadir pela serpente, recebe sua sentença: “Porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça e tu tentarás ferir teu calcanhar” (Gêneses 3, 15).

Assim, a educação católica elegeu o modelo de Maria como padrão ideal a ser ensinado e aprendido e esse perfil ideal de mulher tolheu parte da capacidade reflexiva e criativa feminina, relegando-a ao espaço doméstico por muitos anos, sem o direito de contestação. Segundo Azzi (2008), esse padrão influenciou a formação cultural da sociedade cearense, majoritariamente cristã, com padrões moralizantes, que endossaram o machismo. Para a manutenção e perpetuação dessa crença religiosa, tem-se a existência de ritos e rituais, que servem para significar os mitos, afinal, “[...] o rito é a práxis do mito” (Guilouski; Costa, 2012, p. 91).

Bourdieu (2008, p. 103) afirma ainda que “o rito tem a função social de separar aqueles que se identificam dos que se estranham”, mas isso somente é possível por existirem realidades distintas que coexistem num mesmo espaço. Assim, a sociedade forma grandes grupos de seguidores aos mais diversos tipos de ritos, o que torna relevante a “[...] análise de ação ritual como constitutiva dos processos sociais” (Langdon, 2007, p. 06). Inclusive, Peirano (2001, p. 2) salienta que os rituais são “tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos”, contribuindo para manter e renovar os valores culturais dos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, a Semana Mariana ficou evidente como um rito que faz parte da dinâmica de um grupo social, conforme a sua cultura, a religião e os fenômenos diversos asseveram a ideia de continuidade do mito da mulher ideal à projeção de Maria. Dessa maneira, os ritos, “[...] permanecem como mecanismos centrais na construção das diversas sociedades e de suas diferentes formas de organização” (Buttelli, 2008, p. 132), todavia, no caso estudado, importa refletir ritos e mito com racionalidade e criticidade para que eles não perpetuem a submissão das mulheres às vontades de poder de determinados grupos.

O mito da mulher ideal – obediente, subserviente ao homem, amorosa, dedicada ao casamento e à criação dos filhos, boa dona de casa, discreta, paciente, recatada etc. – era e ainda continua sendo atualizado diariamente no Colégio Juvenal de Carvalho, e, em especial, na Semana Mariana. Afinal, compreende-se que “o ritual é, portanto, a práxis, a ação e a comemoração do mito. O mito é revivido e atualizado mediante a vivência ritualística” (Guilouski; Costa, 2012, p. 03). Como um depende do outro para continuar em evidência, somente a reflexão crítica, à luz da cientificidade, é capaz de destituir amarras constituídas historicamente, especificamente, quando se tra-

ta de crenças religiosas que transmitem um padrão de mulher questionável.

O rito para continuar vivo possui as suas regras embasadas nas ações passadas e exemplificadas no cotidiano de forma a conquistar seus seguidores e convencê-los a continuarem com sua prática; em consonância, a Semana Mariana do Colégio Juvenal de Carvalho cultivava nas alunas a necessidade da oração e da fé cristã, instituindo normas de conduta e inculcando valores cristãos que não apenas determinavam o comportamento social da mulher, mas determinava a aceitação do lugar da mulher na sociedade. Ou seja, disseminava-se, por meio da Semana Mariana, a ideia de uma lei soberana e inquestionável de que a mulher precisava ser casta, dócil, mãe e serva, como a própria Mãe de Jesus, condição essencial para a purificação e a salvação. Eram preceitos defendidos pelas escolas católicas, bem como pelo Estado que pregava a normatização social (Louro, 2004).

As sociedades, de modo geral, perpetuaram seus mitos devido à busca por verdade, sentido e significação ao longo dos tempos. É necessário, todavia, problematizar os mitos e os ritos para que estes não sirvam de alienação. Ao contrário, torna-se factível que o misterioso seja compreendido e que o ser humano descubra a si mesmo como sujeito transformador.

Essa pesquisa partiu de uma inquietação inicial que dizia respeito à maneira como a Semana Mariana, realizada no Colégio Juvenal de Carvalho, era utilizada para a preservação de mito e ritos que asseveravam padrões sociais e culturais que condicionaram a mulher à subserviência na sociedade fortalecida no início dos anos de 1990. Para responder a esse problema visitou-se inicialmente o conceito de mito e rito, afinal, considerou-se a Semana Mariana um ritual que, ao exaltar Maria Auxiliadora como modelo feminino de maneira atemporal, endossava o mito de uma mulher ideal amparado em padrões de normalização social.

Com o objetivo de compreender como o mito da mulher virtuosa, à luz do exemplo de Maria, transformava-se em rito na Semana Mariana do Colégio Juvenal de Carvalho – para fomentar a educação feminina voltada para a preservação de valores morais que mantinham a mulher na esfera privada a serviço da família e do lar – foi desenvolvida uma pesquisa científica que analisou, a partir da oralidade de professores envolvidos na sua organização, como se constituía esse ritual.

Constatou-se que a devoção à Maria Auxiliadora tornou-se mais enfática após a guerra dos otomanos com os cristãos no século XVI, quando estes atribuíram a responsabilidade pela sua vitória à referida Santa. Dom Bosco, principal entusiasta de Maria, fundou a Ordem Salesiana em 1859, uma congregação da Igreja Católica que foi aprovada em 1874, e colaborou para popularizar o culto a Maria.

A Congregação Salesiana expandiu-se mundo afora e chegou a Fortaleza em 1933, implantando o Colégio Juvenal de Carvalho, referência na cidade para a educação das moças da elite. Como a instituição era confessional católica, percebeu-se que os ritos e os mitos inter-relacionavam Religião e Educação, logo, não era possível haver uma dissociação entre esses dois campos. Práticas e ações pedagógicas desenvolvidas no colégio direcionavam as alunas à interiorização dos mitos salesianos, a exemplo da santificação de Maria, da sua devoção e do culto ao modelo comportamental por ela adotado.

O pressuposto levantado inicialmente foi confirmado visto que a educação mariana, fomentada no Colégio Juvenal de Carvalho, endossada na Semana Mariana, propagava padrões socioculturais machistas que condicionavam a mulher à subordinação ao homem, ao asseverar a preservação de padrões comportamentais consoantes ao arquétipo da pureza, paciência e subserviência, que destinavam a mulher aos afazeres de dona de casa prendada, mãe amorosa e esposa dedicada. Uma análise

crítica desses resultados permite inferir que a propagação dos valores marianos, nos moldes como eram desenvolvidos, não colaboravam para a emancipação feminina, ao contrário, reforçavam a naturalização do lugar da mulher na sociedade destinado à obediência aos homens – pai e marido –, e às atividades do lar.

A novena, as missas, a eucaristia, as homenagens, o estudo de temas bíblicos e tantas outras atividades pedagógicas empreendidas levavam as alunas a acreditar que Maria não apenas era uma santa a quem deveriam devoção, mas o exemplo de mulher ideal a ser seguido. De tal modo, as moças deveriam agir tal como Maria, e esse modelo de comportamento era extraído de passagens bíblicas, de maneira literal, analisando as atitudes da santa de maneira anacrônica e descontextualizada. Isso permitia, com apoio da sociedade patriarcal e da Igreja Católica, manter a mulher na sua condição de subserviência, pois a obediência incontestada, a paciência, a servidão, a fé, e a dedicação à constituição e preservação da família, eram as principais características que moldavam o perfil ideal de mulher. Essa educação, todavia, além de limitar a atuação das mulheres nos espaços públicos de maneira ativa, ao formá-las para serem recatadas, acabava por endossar a ideia de mulher da classe dominante, não apropriada para tantas outras meninas que sequer tinham acesso à escola e às condições materiais e culturais para abdicar do trabalho doméstico e galgar alfabetização.

O Colégio Juvenal de Carvalho consolidou o mito mariano ao longo dos anos e o rito da Semana Mariana corroborou na constituição e, conseqüentemente, na internalização de verdades inquestionáveis que nortearam o trabalho pedagógico e espiritual das irmãs salesianas e a educação das moças mais abastadas economicamente da cidade de Fortaleza. A aliança existente entre as elites locais e o clero católico conservou os interesses recíprocos dessas instituições dirigentes em preservar o modelo mariano de ser mulher no seio da sociedade. Inclusive,

interessa salientar que, ainda em funcionamento, a instituição preserva o mesmo ritual há mais de 86 anos, todos os meses de maio, endossando uma cultura que não colabora com os ideais feministas pós-modernos.

Importa ressaltar que a pesquisa, por sua perspectiva micro-histórica, não é passível de generalizações, ainda que sinalize um padrão de educação feminina perpetuado por séculos na história da educação brasileira, levando as mulheres a uma formação específica voltada para a imitação de padrões rígidos e silenciamentos. Com efeito, torna factível desenvolver reflexões críticas acerca de mecanismos de disciplinamento que são retroalimentados por várias gerações, consoante aos interesses de grupos específicos – a exemplo do católico e da elite – que dificultam o empoderamento feminino e a igualdade de condições para as mulheres nas esferas políticas, econômicas, sociais etc.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. *Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935*. 2012. 356 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ALMEIDA, Núbia Ferreira. *O Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte e o Projeto Educacional de Padre Cícero*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

ANANIAS, Mauriceia; SANTOS, Lays Regina Batista de Macena Martins dos. Quando o homem sabe ler, escrever e contar, pode, por sua própria individualidade, desenvolver – se e esclarecer-se: a escolarização de crianças pobres na província da Parahyba do Norte (1855-1866). *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 66-80, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/453>. Acesso em: 18 jun. 2020.

AZZI, Riolando. *A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira*. Aparecida: Editora Santuário, 2008.

AZZI, Riolando. *Os Salesianos no Brasil a luz da história*. São Paulo: Salesiano Dom Bosco, 1982.

BARROS, José D'Assunção Barros. A nova história cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011. Disponível em: <http://periodi->

cos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38. Acesso em: 18 jun. 2020.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Sousa. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BECKER, Maia de Lourdes. As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil e no estado de São Paulo. *Revista em Família*, ano 40, n. 49, p. 4-15, 2017. Disponível em: https://issuu.com/salesianas/docs/emfam_lia_n_49. Acesso em: 3 maio 2020.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. [Nova edição rev. e amp.]. São Paulo: Paulus, 2002.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. *A significatividade das atividades do pátio na educação salesiana*. 2000. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Edusp, 2008.

BRAIDO, Pietro. *Prevenir e não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco*. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova York: Routledge, 1991.

BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch. Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 127-143, 2008. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/443>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CAMPOS, José Vicente Ucha. *Blog Nossa Senhora de todas as faces*. Fotografia de Nossa Senhora Auxiliadora. 30 jan. 2018. Disponível em: <https://nossasenhoraedetodasasfaces.blogspot.com/>. Acesso em: 31 out. 2021.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. Estado, igreja e educação no Brasil nas primeiras décadas da República: intelectuais, religiosos e missionários na reconquista da fé católica. *Acta Scientiarum Education*, Maringá, v. 32, n. 1, p. 83-92, 2010. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/9483/9483>. Acesso em: 17 maio. 2020.

CASTELO, Plácido Aderaldo. *História do ensino no Ceará*. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

CJC – Colégio Juvenal de Carvalho. *Histórico 1933-1995*. Fortaleza: CJC, 1996.

DALCIN, Andreia. *Cotidiano e práticas salesianos no ensino de matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma história*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251964>. Acesso em: 17 maio. 2020.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

DINARTE, Luiz Daniel Rodrigues; CORAZZA, Sandra Mara. Espaço poético como tradução didática: Bachelard e a imagem da casa. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 135-148, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/105/87>. Acesso em: 10 out. 2019.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FAVALE, Agostino. São João Bosco: Pai e mestre da juventude. *Missão Salesiana*, 18 nov. 2014. Disponível em: <http://www.missaosalesiana.org.br/sao-joao-bosco-pai-e-mestre-da-juventude/>. Acesso em: 17 maio. 2020.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; CARVALHO, Scarlett. O'hara Costa. História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. *Série-Estudos*, v. 22, p. 137-157, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/56848/29680>. Acesso em: 17 maio. 2020.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; COSTA, Maria Aparecida Alves da. História e memória da Escola Normal Helvídio Nunes de Barros, Bom Jesus-PI. *Cadernos de História da Educação*, v. 19, n. 3, p. 856-873, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/278>. Acesso em: 17 maio 2020.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; FREIRE, Vitoria Chérida Costa. Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luiza Fontenele (1950-1965). *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 17, p. 343, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43290>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTOS, Francisco Mayane Benvido dos.; SALES, José Albio Moreira de. Pesquisas biográficas na história da educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 26, p. 11-29, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12743/6898>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTOS, Hannah Franklin dos; FREIRE, Vitória Chérida Costa. Biografia da professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. *History of Education in Latin America – HistELA*, Natal, v. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/20562/12765>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SÁ, Évila Cristina Vasconcelos de. Educadora Henriqueta Galeno: Trajetória de uma literata feminista (1887-1964). *História da Educação (Online)*, Porto Alegre, v. 22, n. 55, p. 169-188, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/75182/pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

FLORENCIO, Lourdes Rafaella Santos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de. Política de formação de professores: a ingerência dos organismos internacionais no Brasil a partir da década de 1990. *Holos*, Natal, v. 5, p. 303-312, 2017. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5757>. Acesso em: 17 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Vitória Chérida Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; CARVALHO, Scarlett O'hara Costa. Educação e Missão: A Pedagogia de Dom Bosco. In: ENCONTRO DO NORTE E NORDESTE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2016, Natal. *Anais... Natal*, 2016.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A califasia e a formação de professores na escola normal de São Paulo. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 81-64, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/520>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A califasia e a formação de professores na escola normal de São Paulo. *Educação & Formação*, v. 4, n. 1, p. 81-94, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/520>. Acesso em: 18 maio 2020.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silencio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUILOUSKI, Borres; COSTA, Diná Raquel D. da. Ritos e rituais. In: JORNADA INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM TEOLOGIA E HUMANIDADES, 3., 2012, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: PUCPR, p. 91-109. 2012. Tema: Subjetivação Contemporânea e Religiosa. Disponível em: [file:///C:/Users/Adm/Downloads/2jointh-7577%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Adm/Downloads/2jointh-7577%20(5).pdf). Acesso em: 10 out. 2014.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. [Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HORNICH, Daner; BISCALCHIN, Fabio Camilo. 200 anos de Dom Bosco: a Pedagogia Salesiana, a universidade para a maioridade e a primazia da dignidade da pessoa humana. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 23, n. 48, p. 279-304, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1118/pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

JARDILINO, Jose Rubens Lima; SAMPAIO, Ana Maria Mendes. Desenvolvimento profissional docente: Reflexões sobre política pública de formação de professores. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 4, n. 10, p. 180-194, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/848>. Acesso em: 02 fev. 2020.

LANGDON, Esther Jean. Rito como conceito para a compreensão de processos sociais. *Revista Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis: UFSC: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2007. Disponível em: <https://apm.ufsc.br/titulos-publicados/2007-2/>. Acesso em: 29 abr. 2016.

LIMA, Juliana dos Santos; SANTOS, Gilberto Lima dos. Valores, educação infantil e desenvolvimento moral: concepções dos professores. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 3, n. 8, p. 153-170, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/275/203>. Acesso em: 10 de out. 2019.

LIMA, Lana Lage da Gama. O padroado e a sustentação do clero no Brasil colonial. *SÆculum*, n. 30, p. 47-62, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/12146/1/22231-44226-1-PB.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Legislação e processos educativos: A constituição da escola primária no Piauí (1845 a

1889). *Educação e Formação*, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 50-65, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/866>. Acesso em: 17 maio 2020.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 371-403.

MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. *Vigilância, transgressão e “punição”*: memórias de ex-alunas de escolas católicas de formação de educadoras (1964-1969). 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

MARTINS FILHO, Antonio; GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOBRE, Leila. Colégio Juvenal de Carvalho (Fotografia). *Blog Fortaleza Nobre*, 2 maio 2019. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2019/05/colégio-juvenal-de-carvalho.html>. Acesso em: 16 abr. 2020.

PARGA, Francisca Rafaela. *“Contra a semente da desordem”*: imprensa católica e fascismo (1922-1930). 2012. 113f. Dissertação

(Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7715/1/2012-DIS-FRPARGA.pdf>. Acesso em: 17 maio 2020.

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. *Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica* (em inglês e português.). Prefácio do livro *O Dito e o Feito*. Brasília: UnB, 2001. 22 p. (Série Antropologia, 305)

PEREIRA, Anderson de Carvalho; RIBEIRO, Carme Sandra de Jesus. A culpabilidade pelo fracasso escolar e a interface com os “problemas de aprendizagem” em discurso. *Educação & Formação*, v. 2, n. 2, p. 95-110, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/138>. Acesso em: 20 maio. 2020.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Uma abordagem da história das instituições educacionais: a importância do arquivo escolar. *Educação Unisinos*, v. 11, n. 2, p. 85-90, mai./ago., 2007. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5696>. Acesso em: 17 maio 2020.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PITILLO, Silvana Assis Freitas. *Os salesianos no Brasil: uma visão histórico-reflexiva de um discurso universalizante inconsistente*. 2017. 295f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21501/3/Salesianos-BrasilVis%*c3*%*a3*o.pdf](https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21501/3/Salesianos-BrasilVis%c3%a3o.pdf). Acesso em: 3 maio 2020.

PLATÃO. *República*. [Tradução de Enrico Corvisieri]. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (org.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *500 Anos de Educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94.

ROSA, Angelita da; FORNO, Rodrigo. Memorial do IFSul Câmpus Venâncio Aires: história, educação e pesquisa. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3607>. Acesso em: 3 maio 2020.

SALESIANOS DON BOSCO. *Sonho dos 9 anos*. S.d. Disponível em: https://www.sdb.org/pt/Dom_Bosco/Don_Bosco/Sonho_dos_9_Anos. Acesso em: 18 jun. 2020.

SALESIANOS. *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*. São Paulo: Escolas Profissionalizantes, 1985.

SANFELICE, José Luís. História das instituições escolares. In.: NASCIMENTO, Maria Isabel et al. (org.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR; Sorocaba: UNISO; Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 75-93.

SANTOS, Ana Carolina dos. *Percepções sobre o Império Otomano na obra de Arnold J. Toynbee*. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado

em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2018.

SAVIANI, Dermeval. Política educacional brasileira: limites e perspectivas. *Revista de Educação PUC*, Campinas, n. 24, p. 7-16, jun. 2008. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/108>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bessanezi (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-42.

SOFFNER, Renato Kraide; SANDRINI, Marcos. A pedagogia e a práxis educativa de João Bosco. *Revista de Ciências da Educação*, ano 14, n. 26, p. 166-184, 2012. Disponível em: <http://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/183/209>. Acesso em: 18 jun. 2020.

SOUZA, Rodrigo Tarcha Amaral de. *A incidência dos princípios referenciais salesianos na prática do educador docente do Centro Profissional Dom Bosco (CPDB)*. 2013. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNISAL, Campinas, 2013. Disponível em: <https://unisal.br/wp-content/uploads/2015/09/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Rodrigo-Tarcha-Amaral-de-Souza.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2020.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)*. São Paulo: Cortez, 2008.

TAMANINI, Paulo Augusto. Rito de instituição e práticas religiosas em uma celebração ortodoxa ucraniana. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 2, n. 6, p. 105-118, 2010.

Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30310>. Acesso em: 20 jun. 2020.

VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tânia Maria. Educação e liberdade em Rousseau. *Educação e Formação*, Fortaleza, v. 3, n. 8, p. 210-223, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/278>. Acesso em: 02 fev. 2020.

VASCONCELOS, Larissa Meira; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. Facetas da (im)potência viril na Revista Careta: educação e masculinidades no Estado Novo (1937-1945). *Acta Scientiarum Education*, Maringá, v. 40, p. 1-12, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/issue/view/1499/showToc>. Acesso em: 20 jun. 2020.

WEBER, Max. *Sociologia da religião*: tipos de relações comunitárias religiosas. Brasília: UnB, 1996.

XAVIER, Antonio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MATOS, Maria do Socorro. Museu Jaguaribano: história, memória e descrição arquitetônica. *Revista Eletrônica Documento/Monumento*, Cuiabá, v. 20, n. 1, p. 119-128, 2016. Disponível em: <http://200.129.241.80/ndihr/revista/revistas-anteriores/revista-dm-20.pdf>. Acesso em: 17 maio 2020.

XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *História, memória e educação*: aspectos conceituais e teórico-metodológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado¹, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **Colégio Juvenal de Carvalho, a Educação Salesiana e a Semana Mariana em Fortaleza-CE**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 26 de abril de 2025.

Felipe Aragão de Freitas Carneiro
Felipe Aragão de Freitas Carneiro

DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização técnica do livro intitulado **Colégio Juvenal de Carvalho, a Educação Salesiana e a Semana Mariana em Fortaleza-CE**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 26 de abril de 2025.

Felipe Aragão de Freitas Carneiro
Felipe Aragão de Freitas Carneiro

¹ Número do registro: 89.931.

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil*: breve contextualização histórica. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964*: novos e velhos atores na luta pela anistia. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (org.). *Educação e saúde*: um olhar interdisciplinar. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (org.). *Golpe de 1964*: história, geopolítica e educação. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). *Tudo que não inventamos é falso*: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (org.). *Ensino de História na educação básica*: reflexões, fontes e linguagens. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o derreter e o enferrujar*: os desafios da educação e da formação profissional. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira*: teceduras e interfaces possíveis. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.

14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.
16. LEITE, Raimundo Hélio (org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.

28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.
32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'ilele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.
41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.

45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRAN-
DENBURG, Cristine (org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza:
EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (org.). *Juventudes em debate*.
Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães
dos; CAVAIGNAC, Mônica Duarte (org.). *Educação em debate: reflexões sobre
ensino superior, educação profissional e assistência estudantil*. Fortaleza:
EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (org.). *As vol-
tas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016.
425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). *Ensino mé-
dio: políticas educacionais, diversidades, contextos locais*. Fortaleza: EdUE-
CE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.
50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO,
Charlton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (org.). *Eu conto,
você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2016.
235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUE-
CE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
51. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Serviço Social: uma profissão,
distintos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 278 p. ISBN: 978-85-7826-478-9.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tere-
za Maria da Silva (org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza:
EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES,
Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (org.). *Memórias escolares: que-
brando o silêncio...* Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCON-
CELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE,
2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (org.). *Docência
e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN:
978-85-7826-551-9.
56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço
da (org.). *Avaliação educacional: estudos e práticas institucionais de políticas
de eficácia*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO,
Karlane Holanda (org.). *Avaliação da aprendizagem: a pluralidade de práticas
e suas implicações na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-
85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinari-
dades: aproximações com o contexto escolar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p.
ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritua-
lidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.

60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação: afetos e (trans)formações*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). *Pesquisa em Rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego: estudo de caso*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (org.). *Pesquisas educacionais: abordagens teórico-metodológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (org.). *Entrelugares: Tecidos Sociopoéticos em Revista*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. ISBN: 978-85-7826-628-8.
71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-book).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-book).
75. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.

76. SILVA, Kricia de Sousa. “Manobras” sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-book).
77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero: a Orquestra Jovem da Escola “Padre Luis de Castro Brasileiro” em União-Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.
79. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
80. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (E-book).
81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (E-book).
83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.
84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (E-book).
85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (E-book).
87. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus: amor, ensino e justiça*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (E-book).

92. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza: Poder e Disputa Local em 1968*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (E-book).
94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (E-book).
96. LEITINHO, Meirecele Calíope; DIAS, Ana Maria Iorio (org.). *Discutindo o pensamento curricular: processos formativos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.
97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (org.). *Educação e saúde: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (E-book).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.
99. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (E-book).
100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da (org.). *Práticas de ensino: semeando produções científicas parceiras*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.
101. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (E-book).
102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Livia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de (org.). *25 Anos de PET Enfermagem: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (E-book).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De “mulher-maravilha” a “cidadão persi”*: professoras capulana do educar em direitos humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (org.). *Círculo de cultura sociopoético: diálogos com Paulo Freire sempre!*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. ISBN: 978-85-7826-741-4 (E-book).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.

106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-774-2.
107. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-775-9 (E-book).
108. LEITE, Luciana de Lima Lopes. *Ocupar é resistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo ocupArthe, em Teresina (2014)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 266 p. ISBN: 978-85-7826-779-7 (E-book).
109. GOMES, Wagner. *Ensino de História e interdisciplinaridade: reflexões epistemológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 185 p. ISBN: 979-65-86445-00-8. (E-book).
110. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p. ISBN: 978-65-86445-05-3. (E-book).
111. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenía Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 411 p. ISBN: 978-65-86445-01-5.
112. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da história da educação: memórias, imprensa e literatura*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 216 p. ISBN: 978-65-86445-07-7.
113. MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Arte, docência e práticas educativas: experiências e contextos*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 656 p. ISBN: 978-65-86445-25-1. (E-book).
114. SILVA, Maria do Socorro Borges da; FARIAS, Emerson de Souza. *Educação e direitos humanos de crianças e adolescentes*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 110 p. ISBN: 978-65-86445-29-9 (E-book).
115. VIANA, Patrícia Ferreira de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *A sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p. ISBN: 978-65-86445-34-3. (E-book).
116. OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 421 p. ISBN: 978-65-86445-43-5. (E-book).
117. ARAÚJO, Conceição de Maria Sousa. *Ensinar e aprender filosofia numa perspectiva ética*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 236 p. ISBN: 978-65-86445-48-0. (E-book).
118. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-55-8 (E-book).
119. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-51-0.

120. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna. *Práticas educativas: múltiplas experiências em educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 558 p. ISBN: 978-65-86445-62-6 (E-book).
121. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Formação e experiências docentes: práticas pedagógicas em diferentes contextos e cenários: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 475 p. ISBN: 978-65-86445-70-1 (E-book).
122. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. 277 p. ISBN: 978-65-86445-69-5. (E-book).
123. SILVA, Hebelyanne Pimentel da. *Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959)*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 289 p. ISBN: 978-65-86445-71-8. (E-book).
124. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-79-4. (E-book).
125. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-80-0.
126. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. Isbn: 978-65-86445-88-6.
127. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. Isbn: 978-65-86445-89-3 (E-book).
128. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 166 p. ISBN: 978-65-86445-95-4. (E-book).
129. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-65-86445-98-5. (E-book).
130. SOUZA, Antoniele Silvana de Melo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Donêta Leite: biografia de uma educadora religiosa*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 207 p. ISBN: 978-65-86445-96-1 (E-book).
131. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (Org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 411 p. ISBN: ISBN 978-65-86445-97-8. (E-book).
132. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Pesquisa educacional: tecituras colaborativas na pós-graduação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 200 p. Isbn: 978-65-86445-99-2.

133. SILVA, Gustavo Augusto Fonseca. *Por uma educação linguística libertadora: os estudos gramaticais no ensino básico à luz da pedagogia de Paulo Freire*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. ISBN: 978-85-7826-788-9 (E-book).
134. FREIRE, Vitória Cherida Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Maria Luiza Fontenele: formação educacional e política*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 212 p. ISBN: 978-85-7826-790-2 (E-book).
135. XAVIER, Antônio Roberto; KANIKADAN, Andrea Yumi Sugishita; SOUSA, José Weyne de Freitas (org.). *Planejamento, políticas públicas e gestão sustentável: demandas sociais contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. ISBN: 978-85-7826-787-2 (E-book).
136. XAVIER, Antônio Roberto; SANTOS, José Cleilson de Paiva dos; SILVA, Ana Maria Alves da (org.). *Saberes tradicionais, políticas e ações sustentáveis: múltiplos atores, diversas abordagens*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 229 p. ISBN: 978-85-7826-786-5 (E-book).
137. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-85-7826-796-4.
138. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 164 p. ISBN: 978-85-7826-795-7.
139. GAUTHIER, Jacques; AMARAL, Augusto Luís Medeiros; AMARAL, Raquel Ávila; ARAÚJO, Natan; GAUTHIER, Maria do Rosário da Soledade; STEIN, Yanée Maudia. *A borboleta cuidamor ambiental: uma pesquisa sociopoética herética com medicinas indígenas e leitura de inspiração guarani dos dados de pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 248 p. ISBN: 978-85-7826-792-6 (E-book).
140. MACIEL, Jocyana Cavalcante da Silva; BRANDENBURG, Cristine; BARON, Miriam Viviane. *Caminhos para o protagonismo em seus espaços da educação e saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 172 p. ISBN: 978-85-7826-799-5.
141. VIEIRA, Arlindo Mendes; MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; FREIRE, Jacqueline Cunha da Serra; LIMA, Maria Socorro Lucena; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Tecituras decoloniais da formação de professores: incertezas, desafios e lutas*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 258 p. ISBN: 978-85-7826-812-1 (E-book).
142. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Pesquisa educacional: tecituras colaborativas na pós-graduação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 200 p. ISBN: 978-85-7826-803-9 (E-book).
143. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; FALCÃO, Giovana Maria Belém (Org.). *Marcos da constituição da identidade docente: narrativas expressas em cartas pedagógicas*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 194 p. ISBN: 978-85-7826-817-6. (E-book).
144. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; FALCÃO, Giovana Maria Belém (Org.). *Marcos da constituição da identidade docente: narrativas expressas em cartas pedagógicas*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 194 p. ISBN: 978-85-7826-818-3.

145. RIBEIRO, Rosa Maria Barros; SILVA, Samia Paula dos Santos; MEDEIROS, Jarles Lopes de; MATIAS, Emanuela Ferreira; FERNANDES, Maria de Lourdes Carvalho Nunes (org.). *Ética, educação e diversidade*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 356 p. ISBN: 978-85-7826-822-0.
146. RIBEIRO, Rosa Maria Barros; SILVA, Samia Paula dos Santos; MEDEIROS, Jarles Lopes de; MATIAS, Emanuela Ferreira; FERNANDES, Maria de Lourdes Carvalho Nunes (org.). *Ética, educação e diversidade*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 356 p. ISBN: 978-85-7826-821-3. (E-book).
147. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Perspectivas sobre formação docente: experiências contemporâneas e contextos curriculares*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 270 p. ISBN: 978-85-7826-826-8 (E-book).
148. MACIEL, Maria Jose Camelo; LIMA, Jaqueline Rabelo de; VARELA, Sarah Bezerra Luna; CARVALHO, Marília Nogueira. *Prática docente no ensino superior: bases, relatos e memórias da formação*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 574 p. ISBN: 978-85-7826-823-7 (E-book).
149. PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; MACHADO, Charliton José dos Santos; BATISTA, Eraldo Leme; MÜLLER, Meire Terezinha (org.). *Educação e trabalho na paraíba*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 311 p. ISBN: 978-85-7826-830-5. (E-book).
150. PONCE, Hugo Heredia; RODRÍGUEZ, Susana Sánchez; PINO, Michel Santiago del; RUÍZ, María Remedios Fernández (org.). *Formación docente y educación lingüística*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 318 p. ISBN: 978-85-7826-841-1 (E-book).
151. PONCE, Hugo Heredia; RODRÍGUEZ, Susana Sánchez; PINO, Michel Santiago del; RUÍZ, María Remedios Fernández (org.). *Formación docente y educación lingüística*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 318 p. ISBN: 978-85-7826-839-8.
152. COLLANTES, Milagrosa Parrado; JURADO, Paula Rivera; IBÁÑEZ, Ester Trigo; PÉREZ, Celia Sanz. *Formación docente y educación literaria*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 348 p. ISBN: 978-85-7826-837-4 (E-book).
153. COLLANTES, Milagrosa Parrado; JURADO, Paula Rivera; IBÁÑEZ, Ester Trigo; PÉREZ, Celia Sanz. *Formación docente y educación literaria*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 348 p. ISBN: 978-85-7826-837-4.
154. MOREIRA, Francisca de Assis Viana; LOPES, Tania Maria Rodrigues; MEDEIROS, Jarles Lopes de (org.). *Educação a distância e a formação em pedagogia: Experiências da universidade estadual do ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 323 p. ISBN: 978-85-7826-838-1 (E-book).
155. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; MORAES, Ana Cristina de; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Docência(s): experiências e sentidos*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 240 p. ISBN: 978-85-7826-843-5 (E-book).
156. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; ALMEIDA, Emanuel Rodrigues; MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Ensino e pesquisa na pós-graduação: teoria, prática e práxis*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 350 p. ISBN: 978-85-7826-849-7. (E-book).

157. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; ALEXANDRE, Tainara (org.). *Serviço social, instrumentalidade e movimentos sociais*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 469 p. ISBN: 978-85-7826-851-0.
158. FALCÃO, Giovana Maria Belém; SANTOS, Aurea Lucia Cruz dos; FERNANDES, Andréia Matias (org.). *Educação inclusiva em diálogos: tessituras sobre formação e experiências docentes*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 292 p. ISBN: 978-85-7826-853-4. (E-book).
159. XAVIER, Antônio Roberto; MUNIZ, Karla Renata de Aguiar; OLIVEIRA, Lucineide de Abreu (org.). *Covid-19, políticas públicas e sustentabilidade: desafios à ciência e aos recursos tecnológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 254 p. ISBN: 978-85-7826-858-9. (E-book).
160. BESERRA, Raquel Carine Martins; KACZAN, Maria Anita Vieira Lustosa; MEDEIROS, Jarles Lopes de (org.). *Educação em tempos de pandemia*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 258 p. ISBN: 978-85-7826-863-3. (E-book).
161. FIDELIS, Cid Nogueira. *Cinematografia indígena: a experiência social sob o foco da cultura Guarani-Kaiowá*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 237 p. ISBN: 978-85-7826-859-6.
162. FIDELIS, Cid Nogueira. *Cinematografia indígena: a experiência social sob o foco da cultura Guarani-Kaiowá*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 237 p. ISBN: 978-85-7826-860-2. (E-book).
163. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; FUSARI, José Cerchi; ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Retratos da escola pública brasileira em tempos neoliberais*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 261 p. ISBN: 978-85-7826-869-5. (E-book).
164. FALCÃO, Giovana Maria Belém; SANTOS, Aurea Lucia Cruz dos; FERNANDES, Andréia Matias (org.). *Educação inclusiva em diálogos: tessituras sobre formação e experiências docentes*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 292 p. ISBN: 978-85-7826-871-8.
165. MORAES, Ana Cristina de; LIMA, Izabel Cristina Soares da Silva; QUEIROZ, Juliane Gonçalves (org.). *Cultura(s), educação e arte nos caminhos da (auto)formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 285 p. ISBN: 978-85-7826-872-5. (E-book).
166. COSTA, Maria Aparecida Alves da; FIALHO, Lia Machado Fiuza (autoras). *Maria Cinobelina Elvas: docência na Escola Normal (1981-1988)*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 285 p. ISBN: 978-85-7826-879-4. (E-book).
167. HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira; GOSSELIN, Anne-Sophie Marie Frédérique (org.). *Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 576 p. ISBN: 978-85-7826-877-0.
168. HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira; GOSSELIN, Anne-Sophie Marie Frédérique (org.). *Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 576 p. ISBN: 978-85-7826-878-7. (E-book).
169. ALVES, Maria Alda de Sousa; ANDRADE, Michely Peres de; OLIVEIRA, Anderson Souza (org.). *Narrativas e práticas de ensino em Ciências Sociais: diálogos com a pesquisa e a extensão*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 290 p. ISBN: 978-85-7826-883-1. (E-book).

170. NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. *Mobile collaborative learning e a prática docente com o suporte de tecnologias móveis*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 312 p. ISBN: 978-85-7826-886-2. (E-book).
171. NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. *Software educativo livre para o ensino de Geometria*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 228 p. ISBN: 978-85-7826-884-8. (E-book).
172. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira. *Literatura de cordel em impulsos criativos na formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 148 p. ISBN: 978-85-7826-887-9.
173. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira. *Literatura de cordel em impulsos criativos na formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 148 p. ISBN: 978-85-7826-885-5. (E-book).
174. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenía Sobral do; ALEXANDRE, Tainara (org.). *Serviço social, instrumentalidade e movimentos sociais*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 470 P. ISBN: 978-85-7826-890-9. (E-book).
175. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lucia da Silva (org.). *Educação e educadoras na Paraíba do século XX: um balanço da produção acadêmica*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 257 p. ISBN: 978-85-7826-896-1. (E-book).
176. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Biografias e histórias da formação de mulheres educadoras*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 347 p. ISBN: 978-85-7826-894-7. (E-book).
177. XAVIER, Antônio Roberto; LEMOS, Ana Beatriz da Silva; LIMA, Maria Vândia Guedes (org.). *Sociobiodiversidade, tecnologias sustentáveis e educação ambiental no contexto da lusofonia afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 327 p. ISBN: 978-85-7826-901-2. (E-book).
178. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; ALMEIDA, Emanuel Rodrigues; MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Formação docente, práticas educativas (decoloniais) e avaliação: múltiplos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 375 p. ISBN: 978-85-7826-902-9. (E-book).
179. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira (org.). *Formação docente e (auto)biografias*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 393 p. ISBN: 978-85-7826-921-0. (E-book).
180. LOPES, Aline Siebra Fonteles; ARAUJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; CAVALCANTE, Sueli Maria de Araújo. *Ações de ensino, pesquisa e extensão direcionadas a pessoas privadas de liberdade em instituições federais de educação superior*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 215 p. ISBN: 978-85-7826-913-5. (E-book).
181. VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; SILVA, Alexandra Lima da; FRANCISCO, Ana Cristina Borges López Monteiro; FIALHO, Lia Machado Fiuza; PATROCLO, Luciana Borges; DOMÍNGUEZ, Pablo Álvarez; PEIXOTO, Raphael Gualter (Org.). *Mulheres e educação no século XIX: artefatos e sensibilidades*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 215 p. ISBN: 978-85-7826-937-1. (E-book).
182. Damasceno, Maria Nobre. *Emoções que invadem a alma: aprendendo com o mundo*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 152 p. ISBN: 978-85-7826-947-0.
183. VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; SILVA, Alexandra Lima da; FRANCISCO, Ana Cristina Borges López Monteiro; FIALHO, Lia Machado Fiuza; PA-

- TROCLO, Luciana Borges; DOMÍNGUEZ, Pablo Álvarez; PEIXOTO, Raphael Gualter (Org.). *Mulheres e educação no século XIX: artefatos e sensibilidades*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 215 p. ISBN: 978-85-7826-940-1.
184. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 572 p. ISBN: 978-85-7826-955-5.
185. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 572 p. ISBN: 978-85-7826-953-1. (E-book).
186. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SILVA, Emanuel Freitas da (org.). *Políticas públicas e internacionalização do conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 253 p. ISBN: 978-85-7826-957-9. (E-book).
187. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues (org.). *Educação e serviço social: debates contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 320 p. ISBN: 978-85-7826-985-2. (E-book).
188. XAVIER, Antônio Roberto; MAIA JUNIOR, Edmilson Alves. *60 anos do golpe militar no Brasil e o populismo autoritário de extrema direita: desafios à educação política para uma democracia sustentável no alvorecer do século XXI*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 192 p. ISBN: 978-85-7826-987-6. (E-book).
189. XAVIER, Antônio Roberto; FONSECA, Aluísio Marques da; PIMENTEL, Maria Samilli Paulo Gomes (org.). *Tecnologias sustentáveis, educação ambiental e sustentabilidade: pesquisas interdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 357p. ISBN: 978-85-7826-988-3. (E-book).
190. SILVA, Wanderson Diogo Andrade da; GOMES, Suzana os Santos; PONTES, Rosana Aparecida Ferreira (org.). *Didática e docência em diferentes textos e contextos*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 223p. ISBN: 978-85-7826-995-1. (E-book).
191. SALES, José Albio Moreira de; TAVARES, Mirian Nogueira (org.). *Investigação em arte, ensino e experiências transcontinentais*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 295 p. ISBN: 978-85-7826-996-8. (E-book).
192. FREIRE, Vitória Chérída Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Colégio Juvenal de Carvalho, a educação salesiana e a semana mariana em Fortaleza-CE*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 88 p. ISBN: 978-65-83910-13-4. (E-book).
193. FREIRE, Vitória Chérída Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Trajetórias investigativas: os caminhos teóricos e metodológicos da biografia de Luiza Teodoro Vieira*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 102 p. ISBN: 978-65-83910-12-7. (E-book).
194. FREIRE, Vitória Chérída Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Colégio Juvenal de Carvalho, a educação salesiana e a semana mariana em Fortaleza-CE*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 88 p. ISBN: 978-65-83910-13-4. (E-book).